

**A VIAGEM DO CRISTÃO**  
**PARA A BEM-VENTURANÇA ETERNA**

POR UM DOS SEUS COMPANHEIROS.

**CAPÍTULO I.**

*Quando a alma percebe que tem escandalizado a Deus, mesmo pelo peccado, principia a temer, e sente-se opprimida e vil. As palavras do Evangelho lhe dão luz, guando-a ao Salvador.*

Quando eu viajava pelo deserto deste mundo, cheguei a um lugar onde havia uma caverna. Deitei-me nella para tomar algum descanso; e estando a dormir vi, em sonhos, um homem vestido com (a) trapos sujos e rotos. Elle estava em pé, com as costas voltadas para a sua casa; tinha um (b) livro na mão, e estava (c) carregado com um fardo muito pesado. Observei que elle abria o livro, e que lia; então principiou a tremer e chorar, até que, no auge da sua afflicção, gritou com um tom da maior miséria:

«Ai, ai, ai de mim! Que hei de fazer?»

Neste estado voltou para sua casa, e esforçou-se, quanto lhe foi possível, para que sua mulher e seus filhos não reparassem na sua tristeza; mas como esta augmentava mais e mais, não pôde conter-se, e descobriu-lhes «que tinha no coração, fallando desta sorte: «Minha querida mulher e vós, meus caros filhos, eu sou muito miseravel, e até perdido por este peso terrivel que sempre está sobre mim: e tenho informação, de que não se pôde duvidar, que esta cidade em que moramos vai ser abrasada pelo fogo do céu; e que uns e outros, eu e vós, minha querida mulher e filhos de minhas entranhas, seremos todos destruidos no espantoso incendio, senão acharmos um lugar em que nos ponhamos a salvo; e até agora não pude descobrir nenhum.»

A familia ficou pasmada não por crer o que dizia, mas por julgar que tinha perdido o juizo; e persuadindo-o a deitar-se cedo na cama, com a esperanza que sua cabeça melhorasse com o somno. Para elle porém a noite foi igual ao dia, e, em lugar de dormir, não fez outra coisa senão suspirar e chorar.

Ao romper da manhã quizerão saber como se achava. Disse-lhes que o seu estado ia de mal a peor; e tornou a fallar-lhes do que tinha dito da primeira vez. Com isso escandalisaram-se; e, continuando elle a fallar da mesma maneira, reprehenderão-o, e depois começaram a moer delle. Emfim abandonarão-o sem terem o mais leve cuidado do que dizia. Então fechou-se elle no seu quarto a fim de deplorar sua miséria, e de pedir a Deus por elles. Também costumava passear no campo só, ora lendo ora resando, e desta sorte passou muito tempo.

Aconteceu n'uma occasião, em que indo pelo campo com os olhos fixos no seu livro, e se mostrando muitissimo triste, o ouvi gritar tão derreio como antes, «Ai, ai, ai! Que hei de fazer para salvar-me?»

Notei também que elle olhava para um lado e para outro, como uma pessoa que quer fugir; mas ficou parado, porque não sabia por onde caminhar; e vi um homem chegar-se a elle e perguntar-lhe porque soltava aquelles tão lastimosos gritos.

«Meu senhor, lhe respondeu *Christão* (este era o nome do pobre homem), hei de morrer, e depois apparecer no tribunal do justo juiz; mas tenho muito medo da morte, e não estou preparado para o juizo.»

Disse-lhe o outro (que se chamava *Evangelista*); porque tendes medo da morte, quando esta vida é tão cheia de desgostos?

*Christão*. — Temço que este fardo terrivel que carrego me precipite além do sepulcro e me despenhe nas entranhas do inferno; por isso estremeço.

*Evangelista*. — Porque motivo pois vos demoraes aqui?

«Ai de mim, respondeu *Christão*; o motivo é porque não sei para onde caminhar; para onde, senhor, para onde é que hei de fugir?»

*Evangelista* deu-lhe um volume de pergaminho, em que *Christão* leu as palavras «fugir da ira vindoura» (1); então com lagrimas nos olhos e a voz tremula pediu que lhe indicasse o caminho.

Apontando com o dedo á outra banda de um campo largo, perguntou-lhe *Evangelista* se via lá uma porta estreita.

Não, senhor, disse o outro.

*Evangelista*. — Não vedes que está lá uma luz brilhante? (2)

*Christão*. — Sim, senhor, penso que estou vendo-a.

Muito bem, disse *Evangelista*, cravai os olhos naquella luz (3); segui-a, e vereis em breve a porta estreita; batei alli, e se vos dirá o que haveis de fazer.

*Christão* agradeceu-lhe, e se poz a correr; mas ainda não estava longe da sua casa, quando sua mulher e filhos lhe gritarão que voltasse. Elle porém tapando os ouvidos com os dedos, não olhou para tráz, mas correu pelo meio do campo gritando: «Vida! salvação! vida eterna!»

Os seus vizinhos sahirão logo a vê-lo. Uns zombáram delte, outros ralháram, e alguns lhe gritarão que voltasse: d'entre estes, dous sahirão a traze-lo para sua casa á força. O primeiro se chamava *Teimoso* e o outro *Inconstante*. Alcançáram-no no meio do campo, e elle disse-lhes logo: meus vizinhos, porque me seguistes? Responderão que era para persuadi-lo a voltar. Mas, replicou *Christão*, isso não pôde ser de maneira alguma. Vós morais na cidade de *corrupção*, onde eu também nasci; e se lá vos demorardes, vós sereis cedo ou tarde precipitados n'um lugar mais baixo que a cova, n'um lago ardente de fogo e de enxofre. Sede persuadi-

(a) Seus incrementos. (Isaías 549.)

(b) Sua consciencia.

(c) Salmo 37.

(1) S. Matheus 3, 7.

(2) Salmo 118, 105.

(3) As palavras de Deus.

dos, mais caros visgem, e fazi esta viagem comigo.

TEMOSO. — O que? A abandonar os amigos e renunciar os preziosos, para andar como louco comovoso?

CHRISTÃO. — Não tenhois dvida. Tudo quanto se pôde ganhar aqui não tem comparação alguma com as coisas que eu procuro; e se virdes comigo, não vos faltará nenhuma coisa boa. Lá ha tudo em abundancia e de graça. Vinda, examinai se é verdade o que vos digo.

TEMOSO. — O que é que procurais? E como pôde fazer conta largar todo o mundo para apegar-se nullo?

CHRISTÃO. — Espero ter uma herança que vale mais que todo o mundo, em que não haverá já mais dor, nem choro, nem morte, nem mal algum; e que está reservada não só para aquelles que a procurão com cuidado e perseverança. Lá, se assim vos apraz, todas estas coisas no meu liv. I, S. Pedro I. 4. (Apoc. XII, 4).

TEMOSO. — Embora com tão poucas; se quereis voltar comovoso, vindo; aliás vos arrependereis.

CHRISTÃO. — Não, eu não voltarei, ainda que morra no caminho. Principi, e desgracado de mim se o largar. (S. Lucas IX, 62).

TEMOSO. — Vinde pois, meu vizinho *Inconstante*; deixemo-lo, e vamos para casa. Ha poucas coisas que não se deixão persuadir sem todas as razões. Vamos.

INCONSTANTE. — Não, meu vizinho; não desprezais estas noticias, porque se é verdade o que *Christão* nos diz, as coisas que elle procura são melhores que as nossas. Tenho alguma vontade de ir com elle.

TEMOSO. — O que? ainda mais loucos! Tornaí meu consilio, e vamos. Quem sabe se esta doudo vos poderá levar? Tendo juizo, vizinho, voltemos; vamos.

CHRISTÃO. — Vinde comigo, vizinho; pois ha poucas tocas como vos tenho dito, e outras muitas lindas. Se me não quereis acreditar láde este (a) livro, e conhecereis a verdade, porque é o livro daquelles que não pôdo mentar.

INCONSTANTE. — Agora, vizinho *Temoso*, estou quasi resolvido a caminhar com *Christão*, o far parte com elle na sua fortuna. Porém, meu caro amigo, sabeis o caminho para o bello pais que procurais?

CHRISTÃO. — Um homem, que se chama *Beza-za-galista*, me disse que sahese direito á uma pe- queira porte que está na nossa frente, e que lá me mostrarão o caminho.

INCONSTANTE. — Vamos pois, meu caro compariheiro; vinde depressa.

Assim principião juntamente a jornada.

— E eu, disse *Temoso*, vou para a minha casa; não quero ser o compariheiro de tacs visionarios e enganadores.

CAPITULO II.

*Recios que corria a chuva, quando está convergida dos seus rios; e, mas não raiada de seu curso se há de seguir. Não sabendo desembarcar-se destes recios corria a ser miseravel.*

Enquanto *Temoso* voltava, *Christão* e seu compariheiro andião adiante conversando desta maneira:

CHRISTÃO. — Tenho muito gosto, meu vizinho, em achar-vos a caminhar comigo. Se *Temoso*, mesmo tivesseis scido a importancia das coisas futuras, como eu as sinto, não nos teria tão inoportunamente largado.

INCONSTANTE. — Viato que estamos ávidos, contai-me, ro rogo, um pouco mais do que procuramos, e da maneira por que pudemos alcançá-lo.

CHRISTÃO. — O entende, melhor que o posso explicar, mas let-vos-aei alguma coisa deste livro.

INCONSTANTE. — Mas acordaíeis que o que está escrito nelle é pura verdade?

CHRISTÃO. — Sim, sem dvida; porque está provado que foi feito por aquelles que nem pôdo enganar nem ser enganados.

INCONSTANTE. — Está bom. E que coisas poderemos alcançar?

CHRISTÃO. — Uma bellissima herança em um reino perpetuo, e para podermos goza-la, desamovemos uma vida eterna.

INCONSTANTE. — Oh! que fortuna!

CHRISTÃO. — Cordeis de gloria e vestidos brilhantes como o sol.

INCONSTANTE. — Oh! que belleza!

CHRISTÃO. — Lá não ha tristezas alguma, nem haverá mais choro, nem mais gritos, nem mais fome, nem sede, nem dor. O mesmo rei nos preparará todo o bem, e exultará todas as lagrimas de nossos olhos.

INCONSTANTE. — Oh! que alegria! E que companhia alcançamos?

CHRISTÃO. — A companhia de Cherubins e de Serafins, que são creaturas tão gloriosas, que a vista dellas ofuscava nossos olhos; encontraremos com milhares de pessoas que já lá terão adiante de nós, das quaes cada uma é de estado perfeito, está cheia de alegria, de sabedoria e amor, e goza da santidade do rei; veremos ali os anjos com cordas de ouro, as santas virgens com seus harpes, as mulheres que forão e letradas, moças no fio da agulha, e apodados pelas fozes e allegadas no mar por amor que tiveram ao Senhor, todos bemaventurados e revestidos da immortalidade.

INCONSTANTE. — Oh! brilhantismo de gloria! Muita para especiar o coração. Mas, o que é preciso para obter tudo isso?

CHRISTÃO. — O rei daquelle palacio, em declararado neste livro, e eu assumo: « Que se algum o desceja sinceramente, lá o herdá de graça. »

INCONSTANTE. — Carissimo compariheiro, vou para casa depressa; muita felicidade; bem mereço a minha obrigação!

CHRISTÃO. — Este farão terrível não nos deixai andar tão depressa como gostaria.

Não muito aquilo vi que logo que anabário do millar, chegádo a um atoleiro que estava no meio do campo; e, como não sabiamos aonde ir, fomos de repente calados nelle. Lá por algum tempo lutámos com a lava, e *Christão*, por causa do peso que tinha nas costas, ia-se submergindo, até que estava quasi suffocado.

Ritão lhe disse *facundissimo*: « Agora, vizinho *Christão*, onde estais? » « Na verdade, respondecu este, não sei. »

*facundissimo*, affeito e zangado, começou a astrobuxar e errar: « Lá as felicidades de que me acabei de dizer tantas maravilhas. Depois deste principio de viagem, quem sabe qual será o fim? Poderá o aqui matar muita vida, deixar-vos-las essa bella herança sómente a vós. »

Ritão, fazendo grandes esforços, com muita dificuldade se tirou do atoleiro pelo lado proximo á sua casa, e foi-se embora, de sorte que *Christão* não o tornou a ver.

Só, no *Atoleiro do Desespero*, case é o nome daquelles lugares, *Christão* trabalhou com todas as suas forças para delle sahir no lado mais distante da sua casa, mas não pôdo por causa do tanto nas costas.

Então vi um homem, que se chama *Securro*, approximar-se a elle e perguntar-lhe o que fazia ali.

CHRISTÃO. — Quería fugir da ira viudoura, e uma pessoa, chamada *Esperelista* me pediu que, por esta caminha, fosse eu á porta estreita; mas quando me puz a caminhar, ahí neste atoleiro, como vedes.

ROCCOANO. — Porque não vos firmastes nas pedras de passadico?

Com effeito, vi que havia (b) pedras do passadico ate pelo meio do atoleiro, pelos quaes se pôdo passar seguramente.

CHRISTÃO. — O medo me perseguia tanto, que vinha com pressa sem olhar, e assim caí no atoleiro.

Dai-me a mão, lhe disse *Securro*, e tomando *Christão* pela mão, o tirou o o poz á um ferreo firme e sólido, e lhe disse que seguisse a lagrima.

Entretanto cheguei-me ao meu libertador, o perguntei-lhe porque não se concertava aquelle lugar, do maneira que aquellos que queream fugir da perdicão podessem passar mais seguramente para a porta da vida.

Este caminha roim, respondeu *Securro*, não pôdo ficar bom, porque logo que o peccador tem convicção dos seus peccados, e vê a perigosa, é quasi impossivel que não se levante em sua alma uma nuvem de receios e dvidas, que o mettem em mal susto; lhe fazem perder animo; e unido-se todas a um tempo o laço em desespero.

Não é do gosto do rei que permaneca neste estado. Por dentro deha seus officiaes tem trabalhando para fazer aqui uma estrada boa, e

(a) Ao Escribano *facundissimo*.  
(b) Nas palavras de Deus.

teem empregado milhares de cargas de bons conselhos, em todos os seculos, mas ainda é o *atoleiro do desespero*, e o será. Pela bondade do rei ha umas passadeiras pelo meio da lama, tão firmes e seguras, que em quanto houver mundo não poderão ser abaladas, mas quando o tempo é triste, o céu coberto de nuvens, e ha muitos trovões e relampagos, corre para aqui tanto lodo que custa a descobrir o caminho.

Vi tambem no meu sonho, que quando *Inconstante* voltára para sua casa, e os vizinhos vierão visita-lo, uns chamavão-o o—sabio—por ter voltado, outros—louco—por ter caminhado, e muitos fizerão escarneo d'elle pela cobardia de ficar desanimado com tão pequena cousa. Assim, o pobre *Inconstante* envergonhou-se; mas emfim tomou animo, e se poz com os outros a zombar do *Christão*.

(*Continúa.*)

**A VIAGEM DO CRISTÃO  
PARA A BEM-VENTURANÇA ETERNA**

POR UM DOS SEUS COMPANHEIROS.

(Continuado do n. 274)

**CAPITULO III.**

*A alma terrorizada pela convicção de seus peccados, procura á primeira vista salvar-se por sua obediencia á lei de Deus.*

Pouco depois, quando *Christão* andava só no caminho, vi um homem que vinha de um lado para encontrar-se com elle, e se ajuntarão na encruzilhada dos caminhos.

Era, Senhor, *Sábio-per-este-mundo-só*, que mora na cidade de *Sabedoria-mundana*, uma grande cidade, visinha daquelle donde sahira *Christão*. Elle já tinha ouvido fallar de *Christão*, porque a fama da sua sabida corria por todo o paiz, e sabendo pelo seu andar, tristeza, suspiros e gemidos, quem elle era, começou a fallar-lhe nestes termos.

**SABIO-PER-ESTE-MUNDO-SÓ.**—Oh homem, para onde quereis ir tão carregado?

**CHRISTÃO.**—Carregado! É verdade. Parece-me que nunca pessoa alguma levou um fardo tão pesado. Me perguntais para onde vou, e digo-vos, Senhor, que quero ir á porta estreita que está lá adiante, porque alli, segundo me dizem, me mostrarão como posso ficar livre desta carga.

**SABIO.**—Sois casado? Tendes filhos?

**CHRISTÃO.**—Sim, mas agora nada me agrada. Este fardo terrivel não me deixa descansar. Não tenho gosto algum na minha vida.

**SABIO.**—Acreditar-me-heis se vos der um bom conselho?

**CHRISTÃO.**—Sim, se é bom: é o que careço.

**SABIO.**—Meu conselho é de vos desembaraçardes dessa carga quanto antes.

**CHRISTÃO.**—Isso mesmo é o que procuro: mas por todos os meus esforços não me posso livrar della, nem na minha patria ha pessoa que me possa alliviar: me puz a caminho de proposito para buscar quem me livre della.

**SABIO.**—Quem vos aconselhou este caminho para esse fim?

**CHRISTÃO.**—Um homem, que me pareceu muito veneravel, e se chama *Evangelista*.

**SABIO.**—Pessimo conselheiro! Não ha no mundo outro caminho tão perigoso e custoso, e assim achareis se seguirdes o conselho delle. Já encontrastes um pouco, pois vejo em vós a lama do *atoleiro de desespero*. Ora, esse não é mais que o principio dos incommodos que os viajantes encontram neste caminho. Escutai-me, que sou mais velho que vós: nesta estrada achareis dores, fadigas, fome, perigo, nudez, espada, leões, trevas e outros muitos males, e até a morte. É verdade o que vós digis, e está confirmada por muitas testemunhas. Ora, que loucura não é entregar-vos a tantas misérias, e perder-vos no fim, pelo dito de um estrangeiro!

**CHRISTÃO.**—Ah! senhor! a carga, os peccados, e a ira de Deus por causa delles, que tenho nas costas, me é mais terrivel que todas estas cousas; e não me importa o que padeça, comtanto que fique livre della.

**SABIO.**—Como foi que principiastes a sentir o peso dessa carga?

**CHRISTÃO.**—Pela leitura deste livro que tenho na mão.

**SABIO.**—O acredito. Tem-vos acontecido, como a outros homens de pouco juizo, quando se intromettem com cousas profundas; cahem de repente em loucuras, perdem o espirito de homens de bem, e correm em grandes perigos para alcançar cousas que não existem. Não sabem o que querem.

**CHRISTÃO.**—Sei o que eu quero. É ficar livre desta carga.

**SABIO.**—Mas porque o procurais n'um caminho onde não ha senão perigos, miseria e morte, quando há um meio de alcança-lo sem encontrar perigo algum? Sim: e o remedio está muito perto, e vos deparará amizades, prazeres e contentamento, em lugar de tormentos, desgostos e horrores.

**CHRISTÃO.**—Eu vos rogo pois, meu senhor, me ensineis esse segredo.

**SABIO.**—Com muito gosto. Em uma villa, chamada *A Moral*, habita um homem muito virtuoso cujo nome é *Senhor Lei*, e que tem uma fama extraordinaria. Sei que tem curado muitos, e até os que tiveram o juizo voltado por suas cargas. Vai ter com elle, e em pouco tempo vos curará. Sua morada não é mais que uma legua daqui, e se não estiver em casa, tem um filho chamado *Civilidade*, muito bom rapaz, quasi igual ao velho mesmo, que tambem tira essas cargas. É lá que achareis allivio de vos-o fardo: e se não quizerdes voltar para a casa donde viestes (como vo-lo não aconselho) podereis mandar vir vossa mulher e filhos para *A Moral*, em que agora ha muitas casas vazias, e podeis alugar uma por um preço razoavel. Os viveres alli são muito baratos, e vossa vida poderá ser muito feliz, porque tereis bons vizinhos, sercis muito estimado, e todos vos darão boa fama.

**CHRISTÃO** hesitou um instante: então de repente annuiu, dizendo consigo, « se é assim não posso fazer melhor do que seguir este conselho. » Então perguntou o caminho para a casa do *Senhor Lei*.

**SABIO.**—Vêdes aquella montanha alta?

**CHRISTÃO.**—Sim: muito bem.

**SABIO.**—Haveis de subir aquella montanha, e a primeira casa que achardes é sua.

(Continúa.)

# A VIAGEM DO CRISTÃO

## PARA A BEMAVENTURANÇA ETERNA

POR UM DOS SEUS COMPANHEIROS.

(Continuado do n. 276.)

### CAPITULO IV.

*A alma que conhece a santidade e justiça da lei divina bem cedo percebe que a tem quebrada, e que por isso já está condemnada á morte. Torna pois a buscar a vida eterna por outro caminho.*

*Christão persuadido pelo Senhor-Sabio-por-este-mundo-só* sahiu do caminho que *Evangelista* lhe mostrára, para buscar soccorro na casa de *Senhor-Lei*; mas ao approximar-se da montanha, ella lhe pareceu tão alta, e tão escarpada, e pendida sobre o caminho, que temia se despenhasse sobre a sua cabeça. Houve também um terremoto forte e prolongado, e se abrirão em varias partes do monte umas gargantas de fogo, d'onde sahirão chammas, labaredas e relampagos, com estrondos aterradores.

Não se atreveu dar mais um passo adiante; o seu fardo lhe pareceu mais pesado, e mais insupportavel que jámais estivera; estremeceu, e coberto de sudores frios, se affligiu amargamente de haver seguido os conselhos de um *Senhor-Sabio-por-este-mundo-só*.

Naquelle aperto viu chegar-se a elle *Evangelista*, e correu muito com vergonha. Approximando-se, este olhou com indignação, e lhe disse com um tom severo: « Que fazeis vós aqui *Christão*? »

Não sabendo que responder-lhe, *Christão* ficou calado.

— Não sois vós, continuou *Evangelista*, o homem que ha pouco tempo encontrei chorando, diante das muralhas da *cidade de Corrupção*?

CHRISTÃO.—Sim, meu senhor, sou eu mesmo.

EVANGELISTA.—Não vos ensinei o caminho para a porta estreita?

CHRISTÃO.—Sim, meu querido senhor.

EVANGELISTA.—Já estais fóra do caminho. Porque vos desviaste tão depressa?

CHRISTÃO.—Logo depois de ter sahido do *atoleiro do Desespero*, encontrei com um senhor que me persuadiu ir á villa que está defronte de nós, assegurando-me que acharia lá um homem que me livraria deste terrivel peso.

EVANGELISTA.—Quem é elle?



**CHRISTÃO.** — Parecia uma pessoa de consideração, e disse-me tantas cousas que eu não consenti. Vim até aqui: mas quando vi esta montanha parei temendo que se desabasse sobre a minha cabeça.

**EVANGELISTA.** — Que vos disse pois esse cavalheiro?

Contou *Christão* a miúdo a conversação que tivera com *Senhor sabio-por-este-mundo-só*, e as suas desgraçadas consequências, e agora, disse elle enfim, não sei o que hei de fazer.

Respondeu-lhe *Evangelista*: Paraí um pouco, até que vos mostre as palavras de Deus.

*Christão*, todo tremendo, olhou para elle com ancia.

**EVANGELISTA.** — « Olhai não desprezeis aq que falla. Porque se não escapardão aquelles que desprezão ao que lhes fallava sobre a terra, muito menos nós outros se desprezamos ao que nos falla do céu. (Epistola aos Hebreos cap. 12 v. 25.) Disse mais: « O justo vive de fé; porém se elle se apartar não agradará a minha alma. » (Hebreos 10, 38).

Tu és o homem que estás correndo nessa miséria. Tens principiado a desprezar o conselho do altissimo, e a desviar os teus pés do caminho da paz, até quasi a tua perdição.

Quando *Christão* ouviu estas palavras gritou: ai de mim, ai de mim, que estou para sempre perdido; e cahiu como morto aos pés de *Evangelista*. Este, vendo-o naquelle estado, o tomou pela mão meigamente, e lhe disse, (S. Matheus, 12, 31) todo o peccado e blasfemia serão perdoados aos homens, — (S. João 20, 27) não sejais incrédulo mas fiel.

Estas expressões derão-lhe algum animo, e se levantou ainda tremendo na presença do *Evangelista*, e qual continuou a fallar-lhe desta maneira:

« Aquelle que vos enganou é um sabio por este mundo só: não gosta senão dos costumes, opiniões, e prazeres desta vida: e se oppõe a mim, e a meus conselhos, porque aquelle que os segue expõe-se ao escárnio dos soberbos.

« Considerai bem os cinco pontos que vou propor-vos, e vereis que a sabedoria de seu conselho não é mais que loucura.

« 1.º Nosso rei nos deu uma lei perfeita, e acrescentou-lhe o ameaço, « A alma que peccar morrerá. »

« 2.º Pela comparação da vida de cada um com os preceitos da lei, vê-se que « todos peccarão, » e assim são incursos na pena de morte.

« 3.º A lei que sentenciava os peccadores á pena ultima, não pôde livra-los dessa consequencia do mal que fizeram. Não pôde justifica-los.

« 4.º Nosso Senhor morreu por nós, pagou por nossos peccados com seu sangue, e agora pôde salvar até os mais criminosos sem offender a justiça, mas para isso é preciso que se cheguem a Elle, — se humilhem aos seus pés, confessem seus peccados, e aceitem, como criminosos, um perdão gratuito da maneira em que o rei lh'o offerece.

« 5.º Ninguém pôde ser salvo assim, senão aquelles que se arrependem sinceramente: os altivos e soberbos não podem principiar a andar nesse caminho; por isso chama-se a porta estreita e o caminho apertado.

« Foi para essa porta que vos encaminhei e foi a respeito della que fallou o Senhor quando disse (S. Matheus 7, 13) « porfiai a entrar pela porta estreita, porque larga é a porta e espacoso o caminho que guia para a perdição; e muitos são os que entram por ella. Que estreita é a porta e apertado o caminho que guia para a vida, e que poucos são os que acertaõ com elle. »

« O Senhor *sabio-por-este-mundo-só* queria desviar-vos deste caminho da salvação, para ir busca-la da lei (Romanos 3, 20), « pela qual não será justificada nenhuma carne. » Querit fazer-vos desgostar da gloria de soffrer por aquelle que morreu por nós; e persuadir-vos que haveis de encontrar vergonha, miseria e morte, no unico caminho em que podeis ter gloria, alegria e vida eterna.

« Portanto *senhor-sabio-por-este-mundo-só* é tão louco como enganador e *senhor civilidade*, de quem fallou, ainda que pareça um homem de bem, é um hypocrita, e não pôde fazer mais para alliviar-vos, do que a mesma lei. »

Dito isto *Evangelista* chamou ao céu que confirmasse o que dissera, e repentinamente sahirão da montanha um fogo que fez ericão os cabellos de *Christão*, e uma voz forte e medonha que disse (Galalys 3, 10). « Todos os que são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque scripto está — maldito todo o que não permanecer em todas as cousas que estão escriptas no livro da lei para fazê-las. »

Então começou *Christão* a gemer amarguradamente, maldizendo a hora em que encontrou o *senhor sabio por este mundo só*, e chamandó-se mil vezes louco por ter prestado attenção aos seus conselhos, e deixado o caminho do ceo por motivos da terra. Cheio de vergonha, e quasi desesperado, voltou-se de novo á *Evangelista*, e lhe disse: meu querido Senhor, que vos parece? Há esperanza alguma para mim? Ainda poderei voltar, e ir á porta estreita? Não serei rejeitado com vergonha? É possível que se me perdoe o meu peccado? Triste de mim por ter escutado o conselho desse homem!

Respondeu-lhe *Evangelista*, « vosso peccado é muito grande, pois recusastes o caminho que Deus ordena, e andastes naquelle que Elle prohibe; porém o Senhor á porta vos receberá, pois é de larga compaixão, e de bondade immensa. Tende coragem, mas tomai cuidado que vos não desvieis mais — « (Salmo 212) para « que não succeda que se ire o Senhor, e que « vos percais do caminho. »

*Christão* n'um instante se dispoz a voltar, *Evangelista* olhou-o com o semblante cheio de amor, o beijou, e lhe desejou uma viagem feliz.

Caminhou *Christão* com grande pressa, nada disse a pessoa nenhuma — nem deu resposta quando se lhe fallava: era como quem anda em um logar prohibido, e não se sentiu seguro em quanto não chegou no caminho que deixára para seguir o conselho do *sabio-por-este-mundo-só*.

(Continua)

O peccador veio ao Senhor Jesus mesmo; confessou-lhe suas peccadas; pediu-lhe soccorro, e conselhos; e recebeu por Elle com amizade, ainda aos seus condemnados.

Li áhi a algum tempo, *Christão* aproximou-se á porta e leu o que estava escripto em cima: (S. Mathews 7.7.) «Batei, e abrir-se-vo-ha.» Estava pois uma vez, e outra, e terceira, dizendo: Óxalá que eu possa entrar. O Senhor quizer abrir a um miseravel rebelde, que merecia a perdição. Valei-me, oh! Senhor, valei a esta desgraçada peccadora.

Então, apresentou-se á porta uma pessoa excellente, chamada *Bondade*, e perguntou quem estava lá, donde vinha, e o que queria.

*Christão*. — É uma pobre creatura carregada de peccados, que vem da cidade de *Corrupção*, querendo fugir da tra viciosa, e chegar ao Reino da gloria. Entendo que não ha outro caminho para lá não por esta porta, e desejo saber se me dareis licença para entrar.

*Bondade*. — Vê-la concedo de todo o meu coração. Entra.

Quando *Christão* entrava, *Bondade* puxou-o pelo braço, e perguntando-lhe o outro porque o fizera, respondeu: Oh! perto daqui está um castello de *Bed-zabab*, ali, e seus compariados, arremessando dali dardos ardentes sobre aquelles que se chegam a esta porta, procurando mata-los, ao lhes fosse possível, antes que podessem entrar.

Regozijou-me, disse *Christão*, e ao mesmo tempo estremeceu.

Dejois de ter entrado, e porteiro, que tinha em todo os muros de uma corda de espinhos, perguntou-lhe quem o havia dirigido para lá.

*Christão*. — Foi *Evangelista*. Elle me ordenou que batessse aqui, e me disse, que vós, Senhor, me custardes o que hei de fazer agora.

*Bondade*. — (Apostolys pae 2. e 8.) «Eis-aqui, pois, diante de ti uma porta aberta, que ninguém pôde fechar.»

*Christão*. — Graças eternas ao bendito Senhor! Mas esfregando os seus olhos como quem está muito feliz, e quasi temo acceitar, e saber que é um anjo! sou eu mesmo que aqui estou dentro da porta da salvação, falando ao Senhor? Que fructo da escarnea e desgosto que posso!

*Bondade*. — Mas porque viestes tão só?

*Christão*. — Porque nenhum dos meus vizinhos viu o perigo como eu o vi.

*Bondade*. — Souberdo que quereis fazer esta viagem?

*Christão*. — Sim; minha mulher e filhos são os primeiros que me virão partir, e me griteirão que voltei; alguns dos meus vizinhos também me gritarão, mas lapei os ouvidos e estudei.

*Bondade*. — Não havia nenhum delles que vos advertia, e vos persuadia que voltasseis?

*Christão*. — Sim, tanto *Teimoso* como *Leoa-fante*, mas quando falando que eu não voltava, *Teimoso* foi para sua casa curti-se, e *Inconstante* veio comigo um boçal.

*Bondade*. — Porque não veio até aqui?

*Christão*. — Vimos juntos até ao *Alcoteiro de Inespero* e nella de repente acedimos. Então meu compatriota desanimou-se e não quiz vir mais adiante. Arretrou-se do alcoteiro, disse-me que guardasse eu só o bello paiz, e voltou como *Teimoso*.

*Bondade*. — Fobre homem! A gloria celeste lhe parecia tão desprezível que não val a pena de presentear a custa de alguns desgostos?

*Christão*. — É verdade a que disse do *Inconstante*, e ao dadasse a verdade a respeito de mim mesmo, percebi que eu não sou nada melhor que elle; por elle voltou para sua casa, e eu desviei-me pelos conselhos do Senhor, sabo por este mundo só.

*Bondade*. — Sim? Vos contentastes com elle? Então vos aconselhara buscar o soccorro do Senhor. Lá, é forte e seguro. Tomastes o seu conselho?

*Christão*. — Tomei-o tanto que me atrevi: foi buscar o Senhor *Levi* que julgava que u mantinha sobre mim a sua graça sobre mim: e lá perei.

*Bondade*. — Aquella moçaninha tem causado o morte de muitos; e muitos ainda vão morrer ali; foi bom que se casasse com vós.

*Christão*. — Não sei o que se teria feito do meu se *Evangelista* não viesse quando eu estava lá esperando; grande da misericordia do Deus que o mandou, ali eu nunca mais teria chegado: mas ainda aqui estou; aqui estou eu que era tão digno de ser espedaçado por aquella moçaninha de que estava falando com vós, meu carissimo Senhor. Que bondade esta, que me foi permitido entrar aqui!

*Bondade*. — Aquelles que commetterão os crimes e crimes de debederem aqui, sem por isso se arrependerem. Debederem todos (S. João 8. 27). Aquelle que se chega a mim não o alcança. Vem pois comigo um pouco, cáro *Christão*, e vos mostrarei o caminho em que haveis de andar. Oh! lá estais, vides o caminho estreito? É nullo que haveis de fazer vossa viagem sem virar para um lado ou para outro. É o caminho que foi trilhado pelos patriarchas, prophetas, apostolos, martyres e todos os transmutados que passarão das regiões de corrupção e do morto para o mundo puro do glorioso de vida.

*Christão*. — É seguro? Não precisa dar volta, onde me poderia enganar?

*Bondade*. — É seguro para quem fica nelle; mas ha outros de cada lado, onde muitos viajantes desviaram-se e perderão-se. Nesta porção ha largos e tortos, e quando o verdadeiro caminho é sempre estreito e direito, como se fosse feito com um cordão.

Depois disto, *Christão* perguntou ao Sr. *Bondade* se não podia livra-lo de seu fardo, porque ali, não obstante todos os seus esforços, dello não havia podido desentrançar-se.

Respondeu-lhe *Bondade*: — Levai-o por ora comigo até ao depois vos cabirá, por si mesmo, dos hombros.

*Christão* então quiz por-se a caminho, *Bondade* lhe disse que dali a alguma distancia havia a casa do *Interprete*; que batessse na porta, e lá lhe mostrariam todas as coisas maravilhosas; e desajou-lhe uma boa viagem.

Continuou pois *Christão* sua jornada até que chegou á casa do *Interprete*, e lembrando-se do que *Bondade* lhe dissera, levou em laço, até que quizesse perguntar quem era.

*Christão*. — Eu sou um pobre viajante que quero instruções a respeito do meu caminho, e uma pessoa que tem relações com o senhor da casa me disse que se procurasse aqui.

O criado foi chamar seu amo, e quando este veio, perguntou-lhe o que desejava.

Meu senhor, respondeu *Christão*, vim da cidade de *Corrupção*, e vou para o Reino da gloria. Aquelle que está á porta desta casa, me disse que se viesse aqui me faria ver cousas maravilhosas, que me seriam muito úteis para minha viagem.

Pois bem, lhe disse o *Interprete*, entrá (S. João 13. 28), e vos mostrarei o que desejais.

Depois de ter mandado a u criado acender um candeeiro, disse a *Christão* que o seguisse, e o introduziu n'um quarto retirado. Lá *Christão* viu um retrato notavel de um homem que tinha os olhos elevados ao céu; as escripturas sagradas estavam nas suas mãos; e sobre os seus labios a lei da verdade; parecia estar falando nos hypocos persuasivamente; tinha o mundo debaixo dos seus pés, e sobre a sua cabeça estava suspensa uma coroa de ouro.

*Christão*. — Senhor, de quem é este retrato?

*Interprete*. — Quis mostrar-vos este quadro

além de todas as outras coisas, porque o estig-  
na é o último lugar que está autorizado por  
sombra da cidade celeste a sobreviver de gra-  
tuíste caminho. Tanta tem sido, e consome  
delicadamente na mansão e estrano que vêdes. Oba  
que não tem momento de olhar no céu, mas o  
mundo cheio dos pés, dispersando as pre-  
tes, riquezas e honras desta vida, e tem as mãos  
ocupadas com o livro do demônio: também se  
procura saber somente as coisas profundas do  
eterno, mas tem a lei da verdade escrita nos  
seus lábios, para mostrar que se encontra em  
aspo-las aos pecadores: em quanto a carta  
a sobre a sua cabeça representa o galardo que  
vai ganhar.

— E provenci que na vossa viagem, breves de  
e encontrar com certa gente que queria servi-  
vos de guia ao céu. Comparai-a com esta re-  
trato, e quando isto concluir com ele. S. Ma-  
theus 7. 16) guardai-vos dell, pois seus sem-  
nhos guiso so inferno.

CURTULO VI

A alma, casada pelo Espírito do Senhor,

agradou muitas coisas novas e estímulos.

Tomando *Christão* pela mão, o *Interprete* o

conferiu para um grande gabinete todo cheio

de poeira, porque nunca fora varrido. Quando

*Christão* o havia percorrido com os olhos, o *Inter-*

*prete* chamou um homem para o varrer; po-  
rém, os primeiros movimentos da varredura,

levantou-se de todas as partes uma tal quan-  
tidade de poeira, que esverdeou quasi as paredes me-  
diocres. Então o *Interprete* mandou uma me-  
nina, que estava presente, trazer água e orva-  
lhar o quarto: depois de se ter feito isso, foi vol-  
vido em pouco tempo e sem hesitação.

*Christão* perguntou o que queria isto dizer.

— Esta gabinete, respondeu o *Interprete*, repre-  
senta o coração do homem que nunca foi toca-  
do pela verdade manifestada no evangelho. O

po é o pecado, arraigado na nossa natureza,

que mancha o homem todo, cabeça, coração e

consciência. O primeiro que queria purificar a

lei, a outra, que trouxe água e orvalhou o

quarto, representa a heresia que se achou no

evangelho. Vos vistes que logo que o homem

consegue a verdade, a poeira se elevou de todas

as partes, de maneira que o quarto não podia

ser limpo; pelo contrario, todo o ar nelle es-  
tava cheio de poeira e quasi a suffocava-vos.

Isto significa que longe da lei poder puri-  
ficar o coração do homem, ella não faz mais do

que mostrar o que é o pecado, e (denotando) a

forma da sua vida e mais forte: de sorte, que

quando mais o homem trabalha para aperfei-  
çoar-se pela lei tanto mais (denotamos) a sua

mau facha, e quanto se acha melhor, porque a

lei não concede ao peccador o poder de se libertar

do peccado.

A moça que veio orvalhar, e por este meio

consagrar o limpo completamente o quarto, effec-  
tua-se a semelhança do evangelho, que hui

de amar de Deus e da morte de *Christão* em logar

dos peccadores, a assim tornando paz, espalha

sua doce influencia no coração. Então o velho

é substituído pela eroga. As boas noticias do evan-  
gelho, como a poeira o foi pela água o coração

está purificado e o homem está preparado para

mostrar ao mundo sua vida.

Viu agora que o *Interprete* tomou *Christão*

entre os seus braços, e o levou para um pequeno

gabinete onde havia dois meninos. O mais

velho chamava-se *Paulão* e o outro *Pacência*;

*Paulão*, tinha a ar de desconfiançoso, e *Pa-*

*ciência* parecia a imagem de paz.

*Christão* perguntou o que dava á *Paulão* o

ar que tinha, e o *Interprete* lhe disse, porque

seu semblante quer que ella estivesse as melhores

horas para o amor que vem, e elle quer le-  
vante-lhe; *Pacência*, porém, quer espantar.

— Então eu vi que alguns se approximam de

*Paulão*, com um sacco cheio de folhas secas,

que lhe põe aos pés. Elle se calou com um ra-  
stro de zozura, e começou a insultar *Pacência*.

— *Paulão*, disse-lhe, não em pouco tempo mais

que tudo se finda dissipado, de sorte que não

lhe ficou mais do que alguns rastos insignifi-  
cantes.

— Ah! eu vos explico, disse *Christão* ao *Interprete*,

expliquem-me estas coisas, mas circumstancia-  
do-las.

*Interprete*: — *Paulão* é a imagem do ho-  
mem desde mundo, e *Pacência* a figura dos

que vivem na fé e esperam do futuro. Ambos

havem todo este agora; mas quando as

promessas do Pai nos deus, estão contadas de

esperar: aquelles tem mais confiança no pro-  
teritório. Mas vale um passaro na mão do que

dois a voar, e eis que tem em todas as palavras

de *Christão* sobre os lábios de *Paulão* e *Pacência*

que alinda quando passam o céu e a terra, não

podem fallar a promessas do creator.

*Paulão*, em breve tudo gastou, e não lhe ficou

mais alguma que peccasse; assim, succedo

as que se occupam com as promessas deste

mundo só.

*Christão*: — Agora vejo que *Pacência* é o

mais sábio, e por dois motivos: primeiro porque

procura bens indistintamente achores e segundo

porque vai ganhar delles quando ao outro não

percebe mais do que a ruína e a confusão.

*Interprete*: — Tendes razão, e podais agora

ver que a gloria deste mundo passa a um

momento, mas a gloria do futuro e para sempre.

Por isso *Paulão* que tem tanta razão de glo-  
ria-se do *Pacência* como o do outro.

*Christão*: — Assim percebe a sabedoria dos

escriptores (S. João 12. 1) não seque ao mundo,

mas ao que lá se esconde; e (Colossenses 2. 3)

«Cuidai das coisas que são lá do cima, não

as que ha sobre a terra.»

*Interprete*: — Sim, E porque (Corinthios

2. 4. 18) as coisas visíveis são temporarias, e as

invisíveis são eternas.»

*Christão*: — Com todo isso que assim digo,

sem que volthas inclinações naturaes não tão

algumas as coisas visíveis, que muito me custa

ver intencionalmente para as invisíveis e eternas.

Depois disso o *Interprete* levou *Christão* para

um lugar onde havia um lago sobre um pedestal

de mármore, e aqui estavam se occupando com

um livro provido em latão-lhe agua para aspi-  
gar-lhe; ao entanto o fogo se inflamava cada

vez mais, e lançava ainda mais altas as suas

chamas.

— Que significa isto? disse *Christão*.

*Interprete*: — Este fogo representa a obra de

Deus no coração do homem, aquelle que lhe

traz a luz completamente esclarecendo-se para

apagado, e o dia. Agora havéis de ver por-  
que o fogo sempre se inflama mais, e se torna

mais ardente.

Imediatamente o fez voltar, e o levou para

o outro lado da muralha, onde viu um homem

que tinha um grande vaso de argila nas mãos,

e delle constantemente, e sem parar derrama no

fogo.

— Que significa ainda isto? disse *Christão*.

*Interprete*: — É *Christão* que repulsa, sem

razão, o amor do amor ao coração para ferir

o ar e abra que elle mesmo constrói; e a le-  
va acendido em desquite de tudo o mais o di-  
versos pode empobrecer e elle está dentro da

muralha para, representando, que nas grandes

heresias, custa ver como a, que a obra de

*Christão* na alma do peccador pode fazer pro-  
gresso.

O *Interprete* em seguida conduziu *Christão* a

um campo em que havia um bellissimo jardim

de delicias. *Christão* gostou muito dell, e viu

andar sobre o terrapão pessoas com vestidos do

ouro e de prata de brilhação. Por do porta ha-  
via muitos homens que se inclinavam um ao

outro, e de um grande desejo de conhecer-  
se; mas não se atreviam, porque os caminhos e tinha

o porta havia uma muralha de homens estran-  
hos que se tinham resolvido a combater: ali a

monte todos os que sentavam a fugir a presen-  
ça.

— Havia luzes por dentro do jardim, de-  
traz de uma mesa collocada ao porta ao lado

da porta, e tinha diante delli um fustão e um

livro em que se escrevia os nomes de todos os que

procuravam entrar ali.

Quando todos estavam pelo campo da porta

abriu-se, *Christão* viu um homem com a

grande coragem chegar-se aqulle que estava a

e disse-lhe: «Amanhã meo irmão, venho.»

— Feito isto, por um capote na cabeça, um pouco

depois sobre o seu coração e um anel no dedo,

e desapparecendo em aquella porta para a

porta; appareceu-lhe intrepidamente contra os ar-  
madados, que pela sua parte o recebia com um

foror mortal. «Vou muitas vezes, e ferir a

direita e a esquerda, e muitas vezes ferir os

doz seus inimigos e entro ao interior, imma-  
nentemente flechando todas as suas feridas;

foi recebido com habidos leões e leilhões; e

ouvi-me um canção de triumpho, cantado por

seus companheiros; e *Christão* sorriu-se ao isso.

Pareceu-lhe que sei o que quer isto dizer. Agora

deixei-me esmagar. *Interprete*, que, *Christão* até

que via tanta multidão mais alguns de deus, e

depois podereis caminhar ao momento com es-  
tregas, mas também com diligencia.

Então o levou a um quarto muito pequeno, em

que havia um homem preso em uma cadeia de

ferro. Nella assentado e olhando para o chão,

com as mãos juntas, gemia como quem tem o

coração despedaçado, e parecia inteiramente des-  
graciado.

O que quereis tu dizer?

*Interprete*: — Perguntei ao homem mesmo.

*Christão* (fallando ao homem na cadeia). —

U' homem! Que tendes, e quereis mais ver?

O homem: — Não sou aquillo que v'outro tem-  
po fui.

*Christão*: — O que fostes n'outro tempo?

O homem: — Fui um grande professor da fé

de *Christão*. *Interprete*, então sentou-se sobre o jo-  
elho, que eu era muito bom *Christão*, e que

então levo certo de chegar ao reino da gloria,

e até regalava-me da vida de ali, e ali.

*Christão*: — E o que acia agora?

O homem: — Sou um homem entregue ao des-  
espero, como fochado vello, como um-a cadeia

de ferro. Não posso subir: não: *Apocalliptica*,  
nunca mais.

*Christão*: — Mas como caldestes vossa miséria?



O HOMEM. — Cessei de vigiar e ser sobrio: sou-tei as redes de meus vícios: andei contra o que Deus manda, ainda que bem conhecia seus preceitos, e recebia tanto da sua bondade: enristeci o Espírito Santo, e elle me tem abandonado: dei logar ao demonio, e este se tem apoderado de mim: provoqueei o Todo Poderoso, e elle me tem rejeitado: tenho de tal maneira endurecido meu coração, que nelle não pôde entrar o arrependimento.

Tornou *Christão* para o lado do *Interprete*, e lhe disse: Não ha pois esperança alguma para o homem n'um estado tal como este? Pergunta a elle mesmo, respondeu o *Interprete*. *Christão* tornou pois outra vez ao homem, e perguntou-lhe, dizendo: — Não ha esperança alguma para vós? Haveis de estar por toda a eternidade nessa gaiola de desespero?

O HOMEM. — Não ha esperança alguma.

CHRISTÃO. — Porque assim? O Filho do Bem-dito está cheio de misericórdia.

O HOMEM. — O tenho crucificado de novo: tenho desprezado sua pessoa: tenho desprezado seus merecimentos: tenho pisado aos pés o seu sangue: tenho ultrajado o Espírito de Graça: por tudo isto não me restão senão ameaças: ameaças terribes, ameaças verdadeiras de juízos irresistíveis, e de uma indignação abrasadora que ha de devorar os adversarios do Senhor.

CHRISTÃO. — E por que vos lançastes vós naquella miseria?

O HOMEM. — Por amor dos vícios, prazeres e ganhos desta mundo, em que esperava muito gosto: mas agora cada uma dessas cousas me morde e angustia como a mordedura de uma cobra.

CHRISTÃO. — Não podeis ainda ter contrição, e converter-vos?

O HOMEM. — Deus me nega o arrependimento: suas palavras não me animão a ter esperança. Elle mesmo me fechou nesta gaiola de ferro: todos os homens do mundo não podem livrar-me. Oh Eternidade! Eternidade! como poderei lutar com a miseria que encontrarei na eternidade!

Então o *Interprete* disse a *Christão*: — Não esqueçais nunca o funesto estado deste homem: sede sempre acutelado.

CHRISTÃO. — Ah! isto é terrível! Deus me ajude a vigiar, e ser sobrio rogando continuamente que eu evite o que causou a este homem tamanha desgraça. Porém, senhor, não é tempo agora que eu continue a minha viagem?

INTERPRETE. — Esperai para ver mais uma cousa.

Immediatamente tornou a toma-lo pela mão, e conduziu para um quarto em que uma pessoa se levantava da cama, e se vestia toda tremula, e em extremo horrorizada. Porque está esta pessoa tão cheia de horror? Disse *Christão*: Perguntai a elle mesmo, respondeu o *Interprete*.

Assim fez, e recebeu esta resposta.

Quando dormia esta noite, sonhei e eis que o céu escureceu-se medonhamente, os raios e o estrondo dos trovões me espantáram. No sonho olhei para cima, e vi as nuvens a mover-se com rapidez, e logo ouvi o som penetrante de uma trombeta, e vi um homem assentado sobre uma nuvem, e rodendo de milhares dos habitantes do céu. Todos estavam cercados com chammas de fogo; os proprios céos abrazavam: então uma voz forte gritou: « Mortos levantai-vos, e vinde a juizo. » Num momento as rochas partirão-se, os sepulcros abrirão-se, e os mortos que estavam nelles resurgirão, alguns muitissimo alegres olhavam para cima; outros desejavam esconder-se debaixo das montanhas. Então o homem assentado na nuvem abriu um livro, e mandou que o mundo se aproximasse. Todavia entre elle e os milhares de milhares que chegáram, havia uma distancia conveniente, como entre o juiz e os réos; e isto por causa de umas chammas devorantes que sabião de diante delle. Foi tambem apregando aos que cercavam o homem sobre a nuvem (S. Mathews, 13 30.) « Ajustai o mato, a palha e o rebaço, e lançai-os no lago de fogo. » Immediatamente abriu-se muito perto de mim o abysmo que não tem fundo, e da boca delle sahirão nuvens de fumo, com muitas brazas e estrondos terribes. Foi-lhes dito tambem. (Aos Thessalonicenses, 4, 16.) « Recolhei meu trigo no celeiro. » E logo vi muitos arrebatados nas nuvens, mas eu fiquei atrás. Tambem queria esconder-me, mas não me foi possível, porque o homem assentado sobre a nuvem, tinha os olhos indignados, sempre fixos sobre mim: meus peccados vierão-me á memoria: a minha propria consciencia me condemnou. Em vista disto estremeço e terrorisado?

CHRISTÃO. — Porque estais tão agoniado agora, quando bem vedes que era sómente um sonho.

O HOMEM. — Porque creio que está para vir o dia de juizo, e eu não estou prompto para dar contas: minha consciencia já me condemna: o juiz já tem os olhos prégados em mim e tem razão de aborrecer-me. Vejo que parte do sonho já se realizou; me lembro que nelle os anjos leváram muitos ao céu e me deixáram; que a garganta do inferno abriu-se ao meu lado, e que o rosto do juiz estava cheio de colera contra mim: e temo que estas cousas tambem se venhão a realizar.

Então o *interprete* disse o *Christão*, tendes considerado bem todas estas cousas?

CHRISTÃO. — Sim, e me encham de medo e de esperança.

INTERPRETE. — Conservai-as no vosso coração para vós servirem de estímulo constante na viagem; e o consolador esteja sempre convosco, heil *Christão* e vos guie no caminho que conduza ao reino da gloria. *Christão* rendeu-lhe graças, e dispoz-se a continuar a sua viagem.

---

# A VIAGEM DO CHRISTÃO

## PARA A BEMAVENTURANÇA ETERNA

POR UM DOS SEUS COMPANHEIROS.

*(Continuado do n. 281.)*

### CAPITULO VII.

*A alma crente meditando na morte de Christo por nós, alcança paz. As tres pessoas divinas correm para o socorro do crente. Os caracteres daquelles que teem uma falsa paz.*

Vi em meu sonho que em cada lado do caminho em que *Christão* andava havia uma muralha que se chama *Salvação*, e que elle corria, ainda que lhe era custoso, por causa da carga que tinha nos hombros.

Continuou a correr até que chegou a um outeiro pouco elevado; em cima d'elle havia uma cruz e pouco mais abaixo um sepulchro: quando se approximava da cruz, vi que o fardo ia soltando-se de seus hombros, e quando chegou á cruz, a carga que lhe causára tanta miseria cahiu-lhe das costas, e foi cahindo até que chegou á boca do sepulchro, em que foi engolfado, e

Christão não o tornou mais a ver. Então ficou aliviado e muito alegre, e olhando para a cruz disse: « Elle me deu repouso por sua tristeza e vida por sua morte. » Lá se demorou algum tempo, admirado de que a vista da cruz o tivesse livrado do seu pesado fardo. Olhou pois, e continuou a olhar até que as suas fontes soltáram uma torrente de lagrimas.

Quando estava assim olhando e chorando, tres gloriosissimas pessoas vieram e o saudarão, cada uma dellas dizendo-lhe: « Paz: a paz do Senhor seja convosco. » A primeira acressentou: « Teus peccados te são perdoados; » a segunda tirou-lhe os trapos sujos e o vestiu com habitos lustrados; a terceira lhe pôz um signal na testa e lhe deu um escripto de que pendia um sello; ella recommendou-lhe que o considerasse attentamente durante a viagem e o entregasse á porta celeste, ajuntando que, sem apresenta-lo, não seria lá recebido. Depois disto, proseguiu Christão seu caminho, saltando e cantando de alegria.

Chegou depois a um largo pedaço de terra chã, e viu tres homems, um pouco fora do caminho, com grilhões aos pés, e que dormião profundamente. Um se chamava *Inconsideração*, outro *Prognição*, e o terceiro *Temeridade*.

Christão vendo-os naquelle estado, se aproximou dellas para acordá-los, e gritou, vos sois como aquelles que dormem no cume do mastro, sobre um mar bravo, e debaixo de vós ha um abysmo que não tem fundo. Levantai-vos, e vinde: ajudar-vos-hei a soltar-vos dos grilhões. Olhai, se aquelle que anda ao derredor de vós como um feroz leão, passar por aqui, vós seria sua preza, e não haverá quem vos valha.

Abrião os seus olhos, e enquanto Christão fallava olhárão para elle; então disse *Inconsideração*: « Eu não vejo perigo nenhum; » *Prognição*: « Ainda mais um bocadinho de somno; » e *Temeridade*: « Não me importa. » Assim deitáram-se de novo, e tornáram a dormir.

Christão foi adiante no seu caminho, mas estava muito triste, pensando no perigo daquelles desgraçados que se expunhão á morte, e desprazão os bons conselhos e soccorro que lhes offereceia.

Ainda deplorava a sorte daquelles quando percebeu dous homems que saltáram da muralha no lado esquerdo do caminho, e logo vierão ter com elle. Um dellas se chamava *Formalista*, e o outro *Hypocrita*. Disse-lhes Christão: — D'onde vindes, meus senhores, e para onde caminhai? Responderão: — Nós saímos nascidos no paiz de *Vangloria*, e vamos neste caminho em busca do louvoro.

Christão: — Porque não vides pela porta estreita que está á entrada deste caminho? Não anheia vós que está escripto: (S. João 10.) « Aquelle que não entra pela porta, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e roubador? »

*Formalista e Hypocrita*: — Todos os nossos compatriotas dizem que é muito longe ir por aquella porta, e que é muito melhor caminho o mais curto saltar da muralha como nós acabámos de fazer.

Christão: — Que vos dirá o Senhor do paiz para onde queremos ir? Não terá por crime o andar contra sua expressa vontade?

*Formalista e Hypocrita*: — Ha exemplos bastantes de senhores que vierão como nós; tem sido o costume por mais de mil annos.

Christão: — Mas se vossos costumes estiverem contra a lei, que fará o juiz?

*Formalista e Hypocrita*: — Um costume estabelecido por uma tal antiguidade, será recebido como legitimo por todos os juizes imparciaes. Além disso estamos no caminho lizo, como vós, que entrastes pela porta. Não estáis muito adiantado que nós que passamos por cima do muralha. Em que estais melhor que nós?

Christão: — Eu marche pela lei de meu senhor: vós andais só segundo vossa phantasia. Pelas palavras do mesmo Senhor, se vê que sóis (S. João 10.) ladrões e roubadores. Entrastes sem seguir o conselho do Senhor, e talvez succeda que saíeis sem o soccorro da sua misericordia.

*Formalista e Hypocrita*: — Em quanto á lei, nós não duvidamos, que a temos guardado tão bem ou melhor que vós; e não vemos differença alguma entre nós e vós, senão naquelles habitos, que sem duvida vos foram dados por algum amigo para cobrir vossa vergonha e nudez.

Christão: — Ninguém pode ser salvo por seus esforços de cumprir com a lei de Deus. Todos quebram-na, e ella é que condemna o peccador. Estando assim o caso, vós vangloriosos não quereis seguir as regras do Evangelho; não quereis humilhar-vos, e chegar-vos ao Salvador como criminosos, confessando que mereceis a pena da morte eterna. Não vos agrada essa porta estreita, e não entrando por ella não podéis ser salvos.

Quanto a meu vestido, não me foi dado por nenhum amigo, mas pelo Senhor mesmo; e, como vós dizis muito bem, para cobrir a vergonha da minha nudez; e é um bello testemunho da sua amizade. Tira-me os trapos sujos e raios que tinha, e me vesti de manilha que me conhecereis quando chegar á porta do céu. Outra pessoa hez conhecida do Senhor me fez um signal na testa, em que talvez não tenhais reparado; e me deu um escripto sellado com o proprio sello do Senhor, e que me ha de servir de passaporte ao céu. Vós não tendes nenhuma dessas cousas porque não entrastes pela porta.

A tudo isto *Formalista e Hypocrita* não derão resposta alguma. Olhárão-se um ao outro, e se sorrirão, murmurando somente algumas palavras a respeito das « formas da nossa igreja. »

Todos tres continuáram no seu caminho, mas Christão sempre marchava adiante. Uma vez, suspirou, e olhou sobre a cruz, muitas vezes leu o escripto que lhe fora dado ao pé da cruz, e admirou-se do seu brilhante vestido.

Assim andáram até que chegaram ao pé de um monte, que se chama *Difficuldade*; lá havia uma fonte de bellissima agua: lá também havia dois caminhos largos, um para a direita e outro para a esquerda. O caminho estreito porém ia directamente para cima. Christão foi para a fonte a refrescar-se um pouco, e depois começou corajosamente a subir o monte.

*Formalista e Hypocrita* chegaram também ao pé do monte: mas logo que virão quanto elle era alto e ingrato, e descobrião os outros caminhos, um a cada lado, pensáram que poderiam ir por elles, e chegar por fim ao caminho estreito da outra banda do monte; sem ter o incommodo de subi-lo. Por isso resolverão-se cortar o alto do *Difficuldade*, e seguir os caminhos na planicie, dos quaes um se chamava *Perigo* e o outro *Perdigo*. O caminho do *Perigo* dava em um grande bosque, onde *Formalista* perdeu o caminho e nunca mais pôde voltar. O do *Perdigo* ia ter a um campo escuro onde *Hypocrita* levou queda sobre queda, e emfim desapareceu de todo.

(Continúa.)

CAPÍTULO VIII.

*Algumas vezes succede que o alma que goza do descanso do Senhor se esqueça da sua viagem, dorme no meio das dificuldades, e traz sobre si novas afflicções.*

Olhei então atrás de *Christão* para ver se lhe succedia no monte, e notei que em lugar de correr como antes, foi obrigado a reter o passo, e pouco depois andar a cahir sobre as mãos e joelhos por causa da aspereza do caminho, que era muito escarpado.

Em meia altura do monte havia um lugar de descanso que o senhor do caminho tinha mandado fazer para dar algum repouso aos viajantes. *Christão* entrou, e assentou-se para descansar; para fortalecer-se mais, tirou o escripto que recebera ao pé da cruz, e se pôz a ler. Algumas das cousas lhe causáram grande alegria, que por muito tempo durou. Emfim pouco a pouco cahiu e foi adormecendo, e depois dormiu profundamente. Então escapou-lhe da mão o escripto que devia entregar na porta do céu. No mais profundo do seu somno, e quando já era quasi noite, elle percebeu que alguém o tocou rudemente, e acordou, dizendo (proverbios 6. 9), «vai ter, é preguiçoso, com formiga, considera os seus caminhos, e aprende della a sabedoria.»

A esta voz elle se levantou assustado, e com grande pressa, dobrou seus esforços para subir a ladeira; mas quando chegava ao cume do monte encontrou dous homens que cheios de medo voltavam de carreira; um delles era *Timidez* e o outro *Desconfiança*.

Que tendes, meus senhores? gritou *Christão*. Porqua virastes as costas ao caminho da bem-aventurança?

*Timidez*. — Queríamos ir ao reino da gloria, e por isso subimos esta ladeira, mas, quanto mais avançamos, maiores perigos encontramos.

E' verdade, disse *Desconfiança*, apenas tínhamos passado a ladeira quando, pouco em frente de nós vimos dous leões no caminho, e não querendo sermos devorados, nada podíamos fazer senão voltar e correr.

*Onustão*. — Me espantais, senhores: mas para onde fugirei eu? onde estarei seguro? se voltar ao meu paiz, não posso salvar-me, porque esse tem de ser abrasado pelo fogo do céu: se puder chegar ao reino da gloria, serei perfeitamente seguro, e terei uma vida eterna. Na vista disto, estou resolvido a continuar o meu caminho.

Dizendo assim, se pôz com vigor a caminhar, e enquanto *Timidez* e *Desconfiança* descerão o monte da carnicina.

Mas, *Christão* não podia deixar de pensar sobre aquillo que esses homens lhe disserão; e quando quiz fortificar-se contra os perigos que o ameaçáram, e para isso metteu a mão no seio para tirar o escripto que lhe fora dado, não o achou.

Aí, aquelle escripto era sua consolação nas afflicções, seu arrimo nos perigos, seu passaporte no céu; e quando descobriu que o tinha perdido, ficou espantado e muito afflicto. No meio da sua perturbacão se lembrou que o tinha na sua mão quando principiou a dormir na cabana. Lançou-se immediatamente de joelhos diante de Deus, e lhe pediu que perdoasse seu peccado: então voltou para ir procurar o seu escripto.

Afflicto com muito pesar, e sentindo grandes dores naquelle triste caminho, enervava e aborrecia a si mesmo por haver dormido em um lugar que apenas era para elle descansar. Foi olhando para todos os lados a ver se podia achar seu escripto; tornou a ver a cabana em que tinha dormido, e esta vista fez redobrar seu pesar e se pôz a deplorar o seu somno insensato.

Ah! gritou elle, miseravel que sou! Abandonar aquelle santo dormio e não o ter no meio das dificuldades. Tenho de passar tres vezes onde uma acrin bastante se fôr prudente. Perdi o tempo, e agora a noite vai pillar-me.

Entre suas lamentações chegou á cabana e entrou suspirando e chorando amargamente; mas como elle estava com grande tristeza para o lugar onde tinha dormido, lá viu seu escripto com sello e tudo sã. Elle o alcançou logo, e ficou muito contente. Não se deu ao trabalho de transportar de alegria, e com sentimentos da mais profunda gratidão, e desta sorte se pôz outra vez a caminho. Porém, posto que fizesse os maiores esforços para ganhar o alto do monte, pôz-se a sentir que não podia chegar ao cume, e o fez lembrar do meio do caminho.

Lembrando também dos leões que *Timidez* e *Desconfiança* lhe disserão que tinham visto no caminho. E' a noite, disse elle a si mesmo; a agora é quasi a noite, quando as feras sahem a buscar o seu prey, como poderei evitar as suas garras? não haverei de ser feito em pedacos?

Continuando o seu caminho, entre estes pensamentos, levantou os olhos, e descobriu diante de si um magnifico palacio que tem o nome de *Paz*, e que se estava para chegar, e passar alli a noite.

No entanto approximou-se a uma parte do caminho muito estreito, distante quasi meia milha da porta do palacio, e como elle olhasse com muito cuidado, viu os leões no mesmo caminho. Lá estão, lá estão, disse elle, o seu coração principiou a bater fortemente: estes são os que fizeram voltar para traz *Timidez* e *Desconfiança*.

Ora os leões estavam presos, mas elle não podia ver as correntes, e foi assaltado de um tão grande terror que começou a pensar se devia voltar, pois parecia que não tinha que esperar senão a morte. Porém o porteiro do palacio, chamado *Vigilante*, notando da sua torre de vigia, que *Christão* tinha parado, e que parecia disposto a fugir, lhe gritou, a Tendes vós tão pouca coragem? Não tendeis receio destes leões, porque estão presos; e estão lá somente para provar a fé dos viajantes; e mostrar quees são os que vão a tem. Marchai sempre pelo meio do caminho e não vos succederá mal algum.

(Continua.)

CAPITULO IX.

Quando um crente quer unir-se a um ajuntamento dos fiéis, estes deitam com desconfiança, prudência e amor, examina-lo para saber se é verdadeiramente crente.

CHRISTÃO.—Adiantou-se posto que tremendo, e tomando muito sentido na advertência que o porteiro lhe tinha feito. Rugirão furiosamente aquellas feras, mas não o podião tocar. Quando fôra passado, andou batendo as palmas em sinal da alegria que sentia por haver tão facilmente escapado, e dessa maneira veio ter com o porteiro, e perguntou-lhe a quem pertencia aquella casa, e se poderia lá passar a noite.

VIAGANTE.—Esta casa foi edificada pelo Senhor do céu, para commodidade e segurança dos viajantes, que vão para seu reino; mas vós donde estais e para onde quereis ir?

CHRISTÃO.—Venho da cidade de Corrupção e vou para o reino da Glória. Como o sol se tem de assegurar, se fosse possível, ficar aqui esta noite.

VIAGANTE.—Como vos chamaes vós.

CHRISTÃO.—Agora meu nome é *Christão*, antes era de *Discreto*.

VIAGANTE.—Como se chamou que viestes tão tarde a este posto.

CHRISTÃO.—Fôra obrigado mais cedo mas, não me deixei-me desgraciadamente apoderar como na cabana que está no meio da ladeira, e que mais me fez retardar foi que meu passaporte me cahiu das mãos quando dormia, e fui obrigado a tornar a procura-lo. Felizmente achei-me esse motivo porque vim tão tarde.

VIAGANTE.—Muito bem. Vou chamar minha esposa que moro aqui e que vos introduza na vossa conversação (he agradável aos habitantes do palácio, conforme o costume de todos).

Em distanciamto o porteiro tocou um sino, no qual vem uma menina muito modesta e bonita, chamada *Discreção*, que perguntou ao viajante porque havia tido. Este respondeu-lhe ali um homem que viera da cidade de *Corrupção* de viagem para o reino Celeste, e achando-se fatigado perguntava se podia passar esta noite no palácio.

A jovem perguntou, pois, a *Christão* donde era e para onde ia, e elle lhe disse: como achou o passaporte e o que vin, e encontrou nelle o elle respondeu. Perguntou-lhe seu nome. E *Christão* disse elle, e tenho muita vontade de passar aqui porque entendo que esta casa foi edificada pelo Senhor para a segurança e descanço dos viajantes. Elle sorriu-se, mas as lagrimas lhe saltarão nos olhos. Depois de um momento de silencio, ella lhe disse que já chamava mais duas ou tres pessoas da casa, e correndo á porta chamou *Prudência*, *Desconfiança* e *Caridade*. Estas fallirão um pouco mais com elle, e introduziram-no á familia, que deu-lhe as boas vindas á entrada da porta, dizendo « Entrai bem-vindo do Senhor, esta casa foi edificada de propósito para receber tais viajantes. » Elle agradeceu, entrou e se assentou: e foi resolvido que para aproveitar-se do tempo, alguns fallassem com *Christão* enquanto se preparava a janta. Para isto fôrão nomeadas *Desconfiança*, *Prudência* e *Caridade*, e desta maneira principiáram.

DEVOÇÃO.—Vinde, com *Christão*, conversemos das cousas que vos succederão na vossa viagem. Talvez poderemos tirar algum proveito para nós.

CHRISTÃO.—De muito bom vontade. Agrada-me muito vos achar com tal disposição.

DEVOÇÃO.—Por que razão resolvestes-vos a fazer esta viagem?

CHRISTÃO.—Fui obrigado a sair da minha patria por causa de um som terrivel que me enchea nos ouvidos: a saber, que seria infallivelmente perdido se ficasse ali.

DEVOÇÃO.—Mas como succedeu que sabistes da patria por este caminho?

CHRISTÃO.—Foi porque Deus assim quiz. Quando me tinha a perdição e não sabia por onde continuar, veio ter comigo por acaso quando estava tremendo e chorando, um homem chamado *Evangelista*, e me dirigiu á porta estreita, se não fosse assim nunca poderia te-la achado.

DEVOÇÃO.—Viestes pela casa do *Interprete*?

CHRISTÃO.—Sim, e lá vi cousas que me hão de ficar na memoria em quanto viver, especial-

[illegible]



No dia seguinte o levarão á armaria e lhe mostrarão todas as qualidades de armas que o Senhor tem preparadas para os viajantes em seus caminhos; a espada, o escudo, o capacete; o peito d'aço e a oração constante. Havia lá armas bastantes dessas qualidades para armar tantos homens como ha estrellas no céu.

Mostrarão-lhe tambem os instrumentos com que alguns servos do Senhor fizeram maravilhas; entre outros a vara de Moysés, as quartas, trombetas e lanternas, com que Gedeão poz em derrota os exercitos de Madian, a relha de arado com que Samgar matou seiscentos homens. Mostrarão-lhe tambem a queixada de jumento com que Sansão fez tanto estrago, a funda e pedra com que David matou o gigante de Geth, e a espada com que o Senhor destruiu o homem de peccado no dia de vingança. Lhe fizerão ver ainda muitas outras cousas maravilhosas, e depois, chegada a hora de descanso, forão tomar repouso.

Ora vi em meu sonho, que no dia seguinte *Christão* se levantou cedo para continuar sua viagem, mas pedirão-lhe que se demorasse mais um dia; porque, dizião elles, queremos mostrar-vos, se o dia estiver claro, as *montanhas deliciosas*, e isto vos dará muito prazer, pois são muito mais perto ao fim da viagem: assim consentiu, e ficou.

De madrugada pois conduzirão-o para a terração da casa, e lhe disserão que olhasse para o meio-dia; o que elle fez, e descobriu a uma grande distancia um terreno montanhoso, rico em vinhas, todas as sortes de fructos, flôres e arvores, com pontes, ribeiros e cascatas. Perguntou o nome do paiz. Disserão: é a terra de Emmanuel; e lá os viajantes teem tanta liberdade como aqui. Dalli tambem podereis ver a porta da cidade celeste: os pastores vo-la mostrarão.

Então quiz continuar a sua viagem, mas, primeiro acompanhárão-o, outra vez, á armaria; e armárão-o completamente (Effesios 6. 11.) na armadura de Deus. Dessa maneira revestido foi para a porta, com seus amigos, e perguntou ao porteiro se havia visto passar algum viajante.

PORTEIRO. — Sim.

CARISTÃO. — O conheceste, senhor?

PORTEIRO. — Perguntei-lhe seu nome, e me disse que é *Fiel*.

CHRISTÃO. — O conheço, é da minha cidade, meu vizinho, do mesmo logar onde eu nasci. Quanto vos parece que esteja já adiantado?

PORTEIRO. — Já ha de estar ao pé do monte.

CHRISTÃO. — Pois bem, meu caro amigo, o Senhor esteja convosco, e vos abençoe abundantemente por toda a caridade que tivestes para comigo.

Assim despediu-se: — mas *Devoção*, *Caridade*, *Prudencia*, e *Juizo* acompanhárão-o até ao pé do monte. Caminhárão repetindo o que já disserão, até ao principio da descida. Então disse *Christão*. A subida foi muito custosa, mas agora veja que a descida é muito mais perigosa.

PRUDENCIA. — E' verdade, custa muito a um homem descer como vós agora fazeis no *valle de humiliação*, sem levar quéda alguma, por isso viemos acompanhar-vos até ao pé do monte. Desceu muito de vagar, ainda assim não foi sem escorregar.

Chegado *Christão* á planicie seus bons companheiros derão-lhe um pão, uma garrafa de vinho, e um cacho de passas; então continuou o seu caminho.

(Continúa.)

CAPÍTULO XII

Quando o crente tem de passar por grandes angustias, e depois se vê obrigado a abandonar a fé, mas a fé não se abandona.

No café da manhã, o pobre Christão, achava-se em grande aperto; porque tinha acabado pouco tempo, quando viu aproximar-se o grande inimigo Apolônio. Então resolveu, e principiou a pensar se era melhor fugir, ou enfrentar o monstro. Lembrou-se porém que não tinha armas para se defender, e que o inimigo mais facilmente poderia feri-lo, se fugisse, por isso resolveu a ficar firme, dizendo a si mesmo: « Não posso esperar sair de minha vida, se fugir. » Foi adiante, e Apolônio veio encontrá-lo.

« Ora, o monstro era feito a botivel, coberto de escamas, era que se gora, tinha as asas de um dragão, e os pés de um urso, do seu ventre saía fogo e fumo, e sua boca era semelhante a de um leão. Quando chegou a Christão o filho do homem, e perguntou d'onde veio e para onde queria ir.

Christão. — Vim da cidade da Corrupção, — a maldade de tudo que é cado, — e vou para o reino celeste.

Apolônio. — És um dos meus subditos então; pois todo aquelle para mim pertence, sou seu príncipe e seu Deus. Porque fugido do serviço de teu rei? De não esperas que ainda me venhas provar, te matarei n'um momento.

Christão. — É verdade que sou nascido debaixo do mesmo governo, mas vou ao serviço do príncipe, o do soldado não pode sustentar um homem, pois o pagamento do soldado é a guerra (Romanos 8. 23); por isso quando chegarei a ser homem, fiz como outras pessoas de julho, procurei sustentar a minha sorte.

Apolônio. — Não há príncipe que consiga perder assim seus subditos, tem de detrazer a data maldade. Não consintas no serviço o soldado de que te queiras, estas consentes de voltar, e prometto dar-te aquillo que a paz produz.

Christão. — Mas tenho jurado com outro, que é o rei dos reis, e como posso voltar contra-o.

Apolônio. — Não fizesse conforme ao diabo ficando a tudo por o poder, mas é o costume daquelles que andas pouco tempo em seu serviço, largar-lo, e voltar outra vez para mim. Faze assim e tudo ficará bem.

Christão. — Eu lhe tenho prestado juramento; ao voltar agora serei enforcado como um traidor.

Apolônio. — Também juraste a mim, mas me esqueci de tudo ao voltar.

Christão. — Isso foi quando era muito criança; o rei que o príncipe, a quem agora sirvo, mas pôde salvar-te de todas as promessas a vós, não se perdoar-me também o mal que fiz em vossa corte; e além disso, eu sou Apolônio, Deus, e não fallar a verdade, gesto do serviço de vós, não quero, sou servo, sou goteiro, sou cozinheiro e sou pai mais que do vós; por isso deixo de persegui-vos mais. Sou servo de vós, e o segurei.

Apolônio. — Pensei ainda uma vez a escuridão, o que ha-de encontrar neste caminho em que andas. Bem sabes que a maior parte daquelles que me abandonam, acham desengano. Quando dizeses monstro coberto de escamas, e na maior miséria, por que teres escuridão.

Proferes o serviço daquillo ao qual? Mas não, quando sabes do seu descanço para servir a quem que te servia. Eu, como todo o mundo tem sabido, tenho sofrido, com poder ou sem, e muitas vezes, achando que me ardo fôr, não quando estavas preso por elle mesmo: o qual te registava também.

Christão. — Vile detinha para prova de sua amor, e para mostrar os libellos de vós até ao fim, e o conserto a mais que soffri, e como tendes por vergonha e descanço, e não para; ellas na verdade cheias de gloria. Sou servo de vós, coberto de escamas e de tribulações por vós. Dependendo a sua gloria, e a terço quando o príncipe vier em guerra, a gloria de seu pai, e de vós todos os sajos de gloria.

Apolônio. — Já heis inferno ao seu serviço, e ainda tu quizes desengano de reboque de vós recompenças?

Christão. — Eu que, o Apolônio, eu que lhe tenho sido útil?

Apolônio. — No principio da viagem te encontrei quando estivesse quasi afogado no abismo de desespero. Procurei livrar-te do fardo por minha utilidade. Tornaste no meio de desconfiança, desconfiança das cousas terrenas; quando me doí no meio a estrema quasi perseguido a voltar; e quando fallas da viagem, e do que viste o enviado, é com uma vangloria que offende o príncipe.

Christão. — Isso tudo é verdade, se ainda mais; porém aquelle a quem sirvo é misericordioso e prompto a perdoar em vós pai feliz e humilde, e muito peior, com prazeres, depois chorar, e arrependi-me, e meu príncipe me perdoou.

Então Apolônio estremeceu e gritou: — Sou inimigo daquelles príncipes, porque sou preso, suas leis e seu povo e sem de propósito a combater.

Christão. — Contei-te que fizera, Apolônio, pois sequeu o caminho de ti-rei, e caminho da santidade; não para vós.

Apolônio abraçou-se diante de Christão, pronunciando a palavra do caminho, e disse: — Eu sou teu pai; prepara-te a morte, pois juro, pelo meu nome infernal, que tu não passas de adiante; assim trazei-me a tua alma. Dito isto, abriu uma seta de fogo ao coração de Christão, mas este a apertou com seu escudo, e voltou esse golpe.

Então abraçou Christão a sua espada, preparando-se para uma luta escuridão, e Apolônio o atacou furiosamente, lançando dardos como um chuveiro, de sorte que apertar de todos os seus membros. Christão foi ferido na cabeça, no peito, e no pé, e recuando um pouco, foi mais vigorosamente atacado. Dito isto, cobrindo a arma, recuou valentemente, e assim o feriu, comendo dardos mais de maldade, até que as forças de Christão lhe se faltaram e por causa das suas feridas estava quasi estacado.

Apolônio recuou sem coragem, aproximando-se de Christão, e trazendo-se para o pé de um luto, deu-lhe uma quebra terrível que lhe fez cair a espada do lado.

Agora, gritou Apolônio, agora te tenho agarrado, e o apertou quasi até a morte; da maneira que a Christão principiou a descomparar, mas, pela intervenção de Deus, o monstro, que quando Apolônio resolveu a o tempo para dar o golpe mortal aquelle bom homem, Christão retirou rapidamente a mão para sua espada (Romanos 8. 12) e a espada se despetou. Não te grites sobre a tua vitória, pois não tens a vencer, e com isso deu-lhe uma ferida tão rija, que recuou como quem levou uma pancada mortal. Quando isto Christão, estava com outra vez, dizendo (Romanos 8. 21) e Rom todas estas cousas salmos vencedores por aquillo que me amou. Então Apolônio abriu a sua arma de dragão e fugiu, e o Christão nunca mais o tornou a ver.

Aquelles que não previam a luta com o monstro, não podiam ter idéas das gritas e rugidas de Apolônio durante a luta, nem dos suspiros e gemidos que Christão soltava, da fúria de seu coração. No seu rosto não havia um só sinal de prazer até que viu que Apolônio foi ferido pela espada de seus punhos. Então abriu para cima sorrindo. Foi o espectáculo mais terrível que eu jamais vi.

Acabado o combate, disse Christão: aqui mesmo darei graças a vós que me ajudou contra Apolônio; a aquelle que livrou-me da boca do monstro, e assim foi dizendo:

Este veio me ajudar

E ao inferno dos heres;

Jesus fez-me triumphar!

Gracias a Jesus.

Gracias ao Salvador

Que livrou-me do furor

Do feroz destruidor;

Gracias a Jesus.

Gracias ao bom Senhor

Que morreu por mim

De mim, poder vencedor!

Gracias a Jesus.

Então veio-lhe uma luz com umas folhas de sereno da vida; Christão se tornou, e applicou-lhe as feridas, que deitou sem sentir. Lá, assim, sem perceber, e a cruz do pai e beber do vinho que pouco depois lhe foi dada. Depois, tendo subido a fôrça, continuou a lutar, com a espada que na mão, porque, disse elle, não sei que outras imagens possa encontrar aqui; ora, por todo aquelle mal, não lhe offereço mais escudo.

# A VIAGEM DO CHRISTÃO PARA A BEM-VENTURANÇA ETERNA

POR UM DOS SEUS COMPANHEIROS.

(Continuado do n. 291.)

## CAPITULO XIII.

*Aquelle que crê as palavras de Deus vê por meio dellas cousas que os outros homens não podem perceber; e nelle produzem sentimentos de paz e de alegria, de terror e de esperanza que os outros não podem comprehender.*

Ao fim do valle de Humilhação havia outro chamado o valle da Sombra da Morte, e por alli tinha de passar Christão, porque o caminho direito á cidade celeste ia pelo meio d'elle. Ora, aquelle valle é um logar muito solitario. O propheta (cap. 2, 6) Jeremias o pinta desta maneira: «Deserto, terra despovoadá, sem caminho, terra de sede, imagem da morte, na qual não anda varão, nem habita homem.» Nello Christão padeceu mais que na sua luta com Apolléon, como haveis de ver.

A' entrada deste valle encontráram-o dois homens, filhos (numeros 13, 33) daquelles que infamárão a boa terra; e vinhão de carreira, quando Christão lhes disse:

Onde ides vós?

HOMENS. — Para trás, para trás, vinde vós também se quereis ter paz ou vida.

CHRISTÃO. — Porque? o que ha de novo?

HOMENS. — De novo! Nós iamos pelo caminho em que vós estais; temos ido até o ultimo ponto que nos foi possível: pouco mais, e não nos teria sido possível voltar, e trazer-vos as novas.

CHRISTÃO. — Pois o que encontrastes?

HOMENS. — Estavamos quasi dentro do valle da sombra da morte, mas, por boa fortuna, olhávamos adiante, e vimos o perigo antes de cahir nelle.

CHRISTÃO. — Mas o que é que tendes visto?

HOMENS. — Visto! O valle mesmo, que é a morada das profundas trevas. Lá vimos os demónios e os espiritos malignos, e dragões do abysmo. Lá ouvimos gritos, gemidos e rugidos como de um povo a uma miséria perpetua e ineffavel, de um povo afflicto e em grilhões. Sobre o valle permanecem as nuvens de confusão que afogão o animo, e sobre elle a morte sempre estende as suas azas. N'uma palavra, ó todo horrendo.

CHRISTÃO. — Ainda que assim seja, por aqui é o caminho direito, e por aqui hei de seguir na minha viagem: não posso duvidar que este é meu caminho.

HOMENS. — Pois seja vosso, nós não o queremos para nós.

Assim separáram-se, e Christão continuou seu caminho, com a espada nua na mão, temendo que fosse investido.

Vi também, em meu sonho, que em todo o comprimento daquelle valle havia ao lado direito um barranco e um fosso profundo: (Esse é o barranco onde em todos os seculos os cegos conductores de cegos (S. Lucas 8, 39) tem cahido com aquelles que enganavão e ambos tem miseravelmente acabado.) e ao esquerdo vi uma lagôa de lodo e lama tão funda, que quando um homem cai nella não toma pé. Numa occasião o rei David foi ali atolado, e lá sem duvida teria morrido se o Senhor Todo Poderoso não o tivesse tirado.

A vereda também era extremamente estreita; isto augmentava o perigo; porque quando, nas trevas, Christão queria evitar o barranco se expunha a cahir na lagôa, e quando pretendia evitar a lagôa de lodo, se não andasse com a maior cautela, cahiria no barranco. Pois assim andou, e ouvi gemer amargamente, porque a escuridão era tal, que quando levantava um pé, não podia ver onde, ou em que havia de pô-lo.

No meio do valle vi a boca do inferno, e estava proxima á vereda, agora pois, pensou Christão, que hei de fazer? De continuo sahio della chammase fumo em grande quantidade com branzas e estrondos temiveis, cousas que não fazião caso da espada de Christão (com que ferira Apolléon): por isso embainhou-a e pegou em outra arma chamada oração constante, e ouvi gritar ó Senhor, rogo-te livra minha alma.

Assim andou muito tempo, e de vez em quando as chammas chegavão até quasi a toca-lo; também ouviu vozes muito tristes e espantosas, e taes arruados que algumas vezes suppunha que ia ser feito em pedaços, ou calcado debaixo dos pés, como a lama das ruas. Presenciou essas vozes e vistas por muitas leguas de caminho, e então chegando a um logar onde parecia-lhe que ouvia o ruido de uma tropa de inimigos que

vinhão surprehendê-lo, parou, e principiou a meditar no que seria melhor fazer. Umas vezes pensava em voltar para trás, mas depois refletia que talvez tivesse já passado a metade do valle; pensou nos perigos que já tinha vencido, e que o perigo em voltar podia ser maior do que em continuar a viagem. Resolveu ir a diante, mas os demonios parecião chegar-se mais e mais perto d'elle; quando estavam já quasi tocando-o elle gritou com alta voz « eu andarei no poder do Senhor, meu Deos » e immediatamente recusarão, e fugirão.

Ha ainda uma circumstancia que não devo aqui esquecer. O perturbado christão estava tão confundido que não reconhecia sua propria voz, pois notei que em frente da boca do abysmo de fogo, um dos espiritos malignos veio por detraz, e approximando-se d'elle escondidamente, soprou-lhe aos ouvidos, em voz baixa, blasphemias horriveis que christão suppunha sabihrem do seu proprio coração. Isto causou-lhe mais desasocego que tudo o que lhe tinha acontecido; que blasphemasse contra aquelle quem antes tanto amava! era contra sua vontade; mas não tinha a prudencia de tapar os ouvidos, nem de distinguir d'onde vinhão as blasfemias.

Depois de andar muito tempo naquella lastimosa condição pareceu-lhe ouvir diante de si a voz de um homem que dizia: (Salmos 22.4) « Ainda que caminho no valle da sombra da morte não temerei mal algum, porque tu estás comigo. » Então folgou *Christão* e por estes motivos:

1.º Porque sabia que não estava só: outros, que temião a Deos, estavam no mesmo valle tanto como elle.

2.º Porque dessas palavras entendeu, que Deus estava com elles naquella escuridão e tristeza; e então, pensou consigo, póde estar comigo tambem, ainda que pela natureza deste lugar não o posso vêr.

3.º Porque esperava que, apressando-se, os poderia alcançar, e farião boa companhia.

Assim apressou o passo, e chamou em alta voz ao que ia adiante, mas este não sabia o que responder, pois elle tambem julgára que estava só.

Depois principiou a amanhecer e *Christão* disse « trocou em manhã a sombra da morte »; e olhou para traz, não com vontade de voltar, mas para vêr com a luz os perigos que tinha passado nas trevas. Então viu melhor o fosso de um lado, a lagôa de lodo do outro; e quanto era estreita a vereda entre elles. Tambem viu, mas de longe, os dragões e espiritos immundos do abysmo, pois, depois de amanhecer, não se chegão muito perto; mas viu-os conforme o que está escripto: (Job 12.22) « Tira das trevas o que estava escondido, e poem em claro a sombra da morte. »

(Continúa.)

**A VIAGEM DO CRISTÃO**  
**PARA A BEM-VENTURANÇA ETERNA**

POR UM DOS SEUS COMPANHEIROS.

(Continuado do n. 295.)

**CAPITULO XIV.**

*A alma christã andando na luz encontra com outra animada de sentimentos semelhantes aos seus.*

*Christão* ficou muito comovido pela vista dos perigos daquelle caminho solitario, perigos que antes temia, mas agora via. Era para elle grande vantagem que o sol se levantava, porque é preciso saber que, posto que a primeira parte do valle fosse perigosa, a que ainda tinha de passar era (se é possível) muito mais perigosa. Do logar onde estava, até o fim do valle, o caminho estava cheio de laços, armadilhas, redes, covas, fossos e engenhos para prender homens, de maneira que se fosse tão escuro como antes, e elle tivesse mil vidas, era de esperar que as perdesse todas; mas o sol se levantava, e elle disse: « Sua alampada luz sobre a minha cabeça, e, guiado pela sua luz, caminho nas trevas. »

Favorecido com aquella luz, chegou ao fim do valle, onde havia uma grande quantidade de sangue, ossos, cinzas, e cadaveres contusos e despedaçados de viajantes que n'outro tempo passavam por aquelle caminho. Como eu estivesse admirado, pensando no que podesse ter feito todo esse estrago, vi, um pouco diante de mim, uma caverna em que moravam dous gigantes, *Pagão* e (*Apoclypse* 13.11) *Cordeiro-Dragão*, que tinham cruelmente tirado a vida aos homens cujo sangue, cinza e ossos jaziam lá. Por alli, porém, passou *Christão* sem muito perigo, que me causou admiração; mas ouvi depois que aquelle *Pagão* foi ferido mortalmente, lá já muitos annos, e o outro, que ainda vive, está paralytico, fraco e decrepto pela velhice e pelas feridas que levou quando era mais moço; de sorte que as suas juntas são rijas e não pode fazer o mal que costumava, e que ainda quer fazer; mas morde as unhas com raiva, e faz caretas malignas aos viajantes que não pôde pillar.

*Christão* passou; mas a vista do velho na bocca da caverna fez arripiar-lhe os cabellos, especialmente quando o ouviu gritar: Ah! ah! não estareis quietos enquanto eu não queimar mais uns poucos. Calou-se, porém, e encarando-o fixamente caminhou a salvo. Então cantou louvores, e deu muitas graças áquelle que o livrou dos perigos, dando toda a honra ao salvador.

Depois disto chegou a um outeiro, feito expressamente, além do que os viajantes podessem olhar adiante; e subindo viu *Fiel*, pouco em frente no caminho. Então gritou-lhe de riço: Olá, escutai, esperai, e ser-vos-hei companheiro. *Fiel* olhou para trás, e *Christão* gritou outra vez: Esperai, esperai até eu vos alcançar. Mas *Fiel* respondeu: Eu, não. (*Deuteronomio* 19.) O vingador do sangue vem atrás de mim, e fujo por minha vida.

*Christão*, um pouco pezaroso desta resposta, apressou o passo, e não somente apauhou *Fiel*, mas lhe passou adiante, de sorte que o ultimo foi o primeiro, e *Christão* sorriu-se com vangloria; mas, não cuidando bem nos seus passos, cahiu, e não pôde levantar-se, até que *Fiel* veio em seu soccorro.

Ansião depois juntos, muito amigavelmente, fallando sobre as coisas que lhes succederão na viagem. *Christão* começou desta maneira: Meu honrado e meu querido irmão *Fiel*, alegrame muito de vos ter alcançado, e de que Deus nos tempere os corações de maneira que podemos andar juntos nesta tão boa viagem.

**FIEL** — Esperai, meu caro amigo, que teria a ventura da vossa companhia em todo o caminho, depois de sahir da nossa cidade; porém, estaveis já muito adiantado, e fui obrigado a fazer o caminho só.

**CHRISTÃO** — Quanto tempo vos demorastes ainda na nossa cidade depois da minha sahida?

**FIEL** — Até que não podia demorar-me mais; porque, logo depois da vossa sahida, correu um grande rumor que em pouco tempo nossa cidade seria abrasada pelo fogo do céu.

**CHRISTÃO** — O que? Os vossos vizinhos fallavam assim?

**FIEL** — Certamente, por algum tempo não se ouvia fallar em outra coisa.





tar com elle, dizendo que o valle era todo des-  
airoso, e que, se andasse alli, offenderia todos  
os meus amigos, taes como o *Sr. Orgulho*, e as  
*Sras. Altivez, Ufania, Honra-mundana*, e outros  
muitos, que ficarião todos muito escandilizados,  
se me fizesse tão louco que me arrastasse pelo  
meio daquelle valle.

CHRISTÃO.—E que lhe respondestes vós?

FIEL.—Disse-lhe, que na verdade, toda essa  
gente que acabava de nomear podião pretender,  
e com razão, a serem meus parentes (pois o são  
segundo a carne), mas que depois que empre-  
hendêra esta viagem me renunciárão, e eu tam-  
bem da minha parte os havia renunciado; de  
sorte que agora são como se nunca tivessem tido  
parentesco comigo. Disse-lhe mais, que em-  
quanto ao valle não fallava a verdade, porque  
(Proverbios 18 e 12) « o coração do homem humi-  
lha-se antes de ser glorificado, e eleva-se antes  
de ser quebrantado. » Porisso, accrescentei-lhe,  
antes quero ir por meio deste valle para a gloria  
abonada pelo Sapiientissimo, do que buscar  
aquella que elle despreza.

(Continúa.)

---

**A VIAGEM DO CHRISTÃO**  
**PARA A BEM-VENTURANÇA ETERNA**

POR UM DOS SEUS COMPANHEIROS.

(Continuado do n. 295.)

CAPITULO XVI.

*Uma vergonha falsa estorva o progresso da alma christã*

CHRISTÃO.—Não encontrastes mais nada naquella valle?

FIEL.—Sim: encontrei *Vergonha*; mas de todos os homens que tenho visto nas minhas viagens, elle é que tem seu nome o menos acertado: pois aos outros ainda se podia fallar, mas áquelle *Vergonha* com a cara de bronze não tem vergonha, nunca se cala, nem escuta a voz de razão.

CHRISTÃO.—Que é pois o que vos disse?

FIEL.—Fez-me mil objecções contra a religião mesmo. Disse-me que *servir* a Deus é cousa baixa, vil e desprezível: que uma consciencia sensível é indigna de um homem de juízo: que aquelle que se priva da liberdade e vigia muito sobre as suas palavras e obras, é escarneado por todo o mundo: allegou (S. João 7.48) que poucas pessoas ricas, poderosas ou sabias, andão neste caminho: e que ninguém, sem ser louco, ia arriscar tudo para ganhar o que ninguém tem visto e ninguém conhece. Fallou da baixa condição, fraqueza e pobreza destes viajantes em todos os seculos, da sua ignorancia e falta de conhecimentos nas sciencias. Essas e muitas outras cousas disse: era vergonha gemer e suspirar quando se ouvia os recados de Deus; era uma vergonha cada um lamentar-se e chorar seus peccados na sua casa: era uma vergonha pedir perdão a outro depois de lhe ter feito qualquer mal, o era uma vergonha restituir-lhe uma cousa que se lhe tinha tirado. Queixou-se tambem de que a religião obriga um homem a largar a companhia dos grandes por terem algumas fraquezas (era o nome que deu aos vicios com que offendem a Deus) e respeitar e amar o baixo, por ser da mesma fraternidade. Não é vergonha, disse elle, fazer assim?

CHRISTÃO.—Que lhe dissestes depois disso?

FIEL.—Ao principio eu não sabia que lhe responder: então elle me apertou tanto que o sangue me subiu ao rosto: esse *Vergonha* fê-lo subir, e quasi me venceu. Emfim, porém, considereí que (S. Lucas 15.16) o que é elevado aos olhos dos homens é abominação diante de Deus.

Considerarei tambem que esta *vergonha* não me fallava senão dos homens: nada dizia de Deus, nem das palavras de Deus. Lembrei-me que no dia final nós seremos julgados á vida ou á morte, não segundo as opiniões deste mundo, mas segundo a sabedoria e a lei do Altissimo: e, julguei que aquillo que Deus diz, é o melhor; ainda quando todos os homens do mundo se oppõem. Portanto, vendo que Deus prefere sua religião, e a consciencia sensível antes de todos os bens do mundo, vendo que aquelles que querem ser verdadeiramente sabios, devem tratar-se como insensatos, e aprender assentados humildemente aos pés d'elle, e vendo que o pobre, amigo de Christo é mais rico e mais honrado que o riquissimo inimigo d'elle, « afasta-te de mim, *vergonha*, » gritei eu, « inimigo da minha salvacao. O que? darei ouvidos á *Vergonha* contra meu Senhor? (S. Marcos 8.38.) Como então poderei encontra-lo quando elle vier? Se tiver vergonha dos seus caminhos e dos seus servos como possa chama-lo meu Senhor? »

Contudo aquelle *vergonha* é um homem malvado e affuto: á muito custo pude livrar-me d'elle, pois vinha atraz de mim, e me susurrava continuamente no ouvido uma cousa ou outra contra este caminho, ou contra os que nelle andão. Mas disse-lhe, emfim, que eu achava a maior gloria nas mesmas cousas que elle desprezava. Assim desembaracei-me d'elle.

CHRISTÃO.—Estou contente, meu irmão, por haverdes tão valentemente resistido áquelle detestavel *Vergonha*. Chama-se *Vergonha*, mas é o homem mais atrevido do mundo: pois segue-nos nas mesmas ruas, e quer cobrir-nos de confusão diante de todo o mundo; isto é, quer fazer-nos ter vergonha do que é bom. Mas se elle mesmo não fosse confadissimo, não tentaria o que faz. Porém resistamo-lo, porque posto que falla muito, e altamente (Proverbios 3 e 35) não exalta senão os insensatos.

FIEL.—Eu creio que contra este inimigo havemos de procurar o socorro daquelle que quer que estejamos firmes a favor da verdade neste mundo.

CHRISTÃO.—Fallais verdade. Mas não encontrastes mais alguem naquella valle?

FIEL.—Não. Porque tinha o sol claro durante o resto do meu caminho, não sómente naquelle valle, mas tambem no *Valle-da-Sombra-de-Morte*.

CHRISTÃO.—Foi uma grande felicidade para vós. Quanto á mim, era muitissimo differente. Apenas entrára no valle quando tive um combate terrivel com *Apolleão*; pensei que ia matar-me, pois lançou-me por terra, e pondo-se em cima de mim, apertou-me de sorte que parecia-me que eu ficaria esmagado; cahiu-me a espada da mão, e então me disse que estava seguro de mim; mas, gritei ao Senhor; me ouviu e me livrou. Depois entrei no *Valle-da-Sombra-de-Morte*, e não pude ver um só raio do sol durante quasi a metade do caminho. Lá muitas vezes estive a crer que morria: mas enfim, começou amanhecer, o sol nasceu, e continuei minha jornada com muito mais socego e felicidade.

(*Continua.*)

---

# A VIAGEM DO CHRISTÃO

## PARA A BEMAVENTURANÇA ETERNA

POR UM DOS SEUS COMPANHEIROS.

(Continuado do n. 297.)

### CAPITULO XVII.

*Quadro de um homem que não é christão senão de palavra.*

Vi depois, em meu sonho, que emquanto caminhavão, *Fiel*, olhando para um lado, viu um homem, um pouco longe, que andava só, e se chamava *Fallador*. Era um homem alto, que parecia melhor de longe que de perto. *Fiel* aproximou-se d'elle, e lhe disse: — Meu amigo, vindes vós também á patria celeste?

FALLADOR — Sim. Para lá vou.

FIEL. — Está bom: espero pois que havemos de ter vossa boa companhia.

FALLADOR. — Com muito gosto ser-vos-hei companheiro.

FIEL. — Caminhemos pois juntamente, e para nos não fatigar o caminho, entretenhamo-nos com alguns discursos edificantes.

FALLADOR — E' o meu maior prazer fallar em objectos interessantes, seja comvosco ou com outros: estou contente de achar um homem que gosta de uma obra tão boa; porque, a dizer a verdade, não ha muitos que buscão empregar assim o seu tempo na viagem: antes gostão de passar o tempo em fallar de cousas inuteis: e isto é cousa que tenho muitas vezes notado com desgosto.

FIEL. — Isso é na verdade muito deploravel, porque não ha no mundo cousa alguma tão digna de empregar a lingua e a boca dos homens na terra como são as cousas do Deus do céo.

FALLADOR. — Gosto de vós, sim, muitissimo, porque vossas palavras convencem. Eu, porém, accrescento que nenhuma cousa pôde ser mais agradavel ou mais util do que fallar nas cousas de Deus. Que cousa ha tão agradavel? Isto é se um homem gostar de historia, se lhe agrada ouvir maravilhas e mysteriós, ou fallar de milagres e de signaes, onde se pôde achar cousa tão linda ou tão bem escripta como nas Escripturas sagradas.

FIEL. — E' verdade: mas parece-me que o fim que devenios procurar é a edificação e emenda da nossa vida.

FALLADOR. — É o que eu dizia: o fallar sobre



que em breve elle tambem ficará enjoado de vossa companhia, se Deus não lhe mudar o coração.

FIEL. — O que me aconselhai vós?

CHRISTÃO. — Tornai a vos ajuntar com elle, e travai uma conversação séria sobre o poder da religião na alma; e quando elle tiver dito (como sem duvida dirá), que deve ter muita influencia em vós, perguntai-lhe claramente se o sente em seu coração, se vê-se em sua casa, e se o põe em pratica na sua vida.

*(Continua.)*



**A VIAGEM DO CRISTÃO  
PARA A BEM-AVENTURANÇA ETERNA**

POR UM DOS SEUS COMPANHEIROS.

(Continuado do n. 299.)

CAPÍTULO XVIII.

*Os signaes que prazão a verdadeira obra de Deus  
na alma do homem.*

Então tornou Fiel a juntar-se com Fallador, e disse-lhe, como vai agora? Como vos achais?

FALLADOR.—Bem, obrigado, mas espero ter tido muita conversação em todo este tempo.

FIEL.—Pois agora, se vos agrada, vamos conversar; e como me haveis deixado a escolha do assumpto, seja esta pergunta. Como é que a obra salvadora de Deus se manifesta (quando existe), no coração humano.

FALLADOR.—Vejo pois que havemos de fallar a respeito da influencia de cousas diferentes. Muito boa questão; seja ella o objecto de nosso discurso. Respondo em poucas palavras. Primeiramente, Quando Deus principia aquella obra na alma, faz declamar vivamente contra o peccado; em segundo logar...

FIEL.—Para: um pouco, e examinemos cada ponto separadamente. Parece-me que seria melhor dizer que essa obra de Deus faz a alma aborrecer seus peccados.

FALLADOR.—Porque? Que grande differença ha entre declamar contra o peccado e aborrecê-lo?

FIEL.—Oh! muito grande! Pôde se declamar contra o peccado por costume só, ou para alcançar algum fim; mas não se pôde aborrecê-lo sem uma operação divina no coração. Teubo ouvido alguns gritar contra o peccado no pulpite, que podião muito bem atura-lo na sua casa, no seu coração e na sua vida. (Genesis 39, 11 e 15). A ama de José gritou de riso, como se fosse muito santa, mas teria gostado bem peccar com elle. Alguma declamação contra o peccado, como a mãe contra a filhinha que cria, chamando-a feia rapariga, e má a filha, no entanto que a beija e aperta-a ao coração.

FALLADOR.—Estais disposto a censurar.

FIEL.—Eu! não: de maneira alguma. Quero só explicar a pergunta conforme a verdade. Mas qual é o segundo ponto pelo qual julgaes que se pôde distinguir a verdadeira obra de Deus no coração humano?

FALLADOR.—Grande conhecimento dos mysterios evangelicos.

FIEL.—Este signal devia ter sido o primeiro. Mas primeiro ou ultimo tambem não dá certeza.

Porque uma pessoa pôde ter conhecimento, e mesmo um conhecimento profundo do Evangelho, e contudo não ter sentido a obra salvadora de Deus em sua alma. Sim, se um homem conhecer todos os mysterios e quanto se pôde saber, ainda pôde ser (corinthios 13, 2) *nada*, e por consequencia não é um filho de Deus. Quando Jesus Christo fallou aos seus discipulos do conhecimento das cousas que elle lhes (S. João 13, 17) ensinara, acrescentou logo:

« Bem aventurados sereis se as praticardes. » Elle não liga a bemaventurança ao *saber*, mas ao *fazer*; pois ha quem sabe a vontade do senhor, e não a cumpre; e que por isso (S. Lucas 12, 47) ha de levar muito castigo. Um homem pôde *saber* como um anjo, e *fazer* como um demonio. Um tal não é christão: por isso o signal que destes não presta. O *saber* agrada nos falladores e vangloriosos, mas o *fazer* agrada a Deus.

Não quero dizer que sem conhecimentos o coração possa ser bom. Não, porque « (proverbios 19, 2) onde não ha sciencia d'alma, não ha bem » mas ha conhecimento que consiste de opiniões theoreticas somente, e ha outro acompanhado de uma firme convicção, e de amor; e que induz o homem a cumprir com gosto a vontade de Deus. O primeiro basta para o fallador, mas o christão verdadeiro não está contente sem o segundo. « (Esalmo 118, 24.) Dá-me intelligencia, e estudarei a tua lei, e a guardarei de todo o meu coração. »

FALLADOR.—Vejo que estais disposto a censurar outra vez: conversar assim não é proveitoso.

FALLADOR. — Preparada, pois, se vos agrada, quanto a qual que prova a obra de Deus na alma humana.

FALLADOR. — Não: porque vejo que não me dá de acordo.

FIEL. — Se vós não o quereis fazer, quereis permittir que eu o faça?

FALLADOR. — Fazei como vos agrada.

FIEL. — A obra de Deus na alma que se salvará, vem a ser descoberta á pessoa em que é feita ou ás outras. A pessoa mesma, se manifesta desta maneira: convence-a de seus pecados, da corrupção de seu coração, alma e tudo, e do peccado de não acreditar no Deus de verdade: mostra-lhe, que, pelos pecados, será perdido eternamente, se não conseguir a misericórdia de Deus, pela fé em Jesus-Christo. Esta vista acorda em seu coração tristeza e vergonha á causa do peccado. Em seguida se lhe manifesta o salvador do mundo, e a necessidade de se chegar a elle para soccorro. Então nasce na alma uma fome e uma sede ardente de Jesus; e (S. Matheus 11.23.) achando-se convidada a alma, prostrase aos pés do Salvador, e pedindo-lhe, (S. Marcos 7.25.30) recebe da sua mão os bens que carece. Ora, em proporção ao vigor ou fraqueza da sua fé, o christão sente mais ou menos paz, alegria, desejo de ser santo e de conhecer e servir o Senhor neste mundo. Mas ainda que é desta maneira que a obra salvadora do Deus se manifesta a pessoa em quem se faz, custa-lhe ter certeza de que é verdadeira; pois a sua corrupção natural e as illuções do seu espirito não a deixão julgar bem a este respeito; e é preciso ter o juizo muito claro e as provas bem fortes para poder concluir com certeza que é a obra de Deus para a salvação eterna da pessoa.

A existencia dessa obra n'um homem se manifesta aos outros: 1º por uma confissão da sua fé em Jesus Christo, e dos sentimentos que nascem da fé; 2º por uma vida que corresponde com essa confissão: isto é, uma vida santa, pela santidade em casa, e pela santidade em negocios. Esta santidade faz o homem detestar o peccado em si mesmo, e a si proprio por causa do peccado; faz o reprimi-lo em sua familia, e promover a santidade no mundo, não sómente por palavras, como os hypocritas e christãos de palavras podem fazer, mas por uma obediencia sincera ao que Deus nos manda praticar.

Agora, Senhor, se tendes alguma coisa a dizer contra isto dizei-o: e se não, permitti-me que vos proponha mais uma pergunta.

FALLADOR. — Não quero presentemente levantar objecções, senão ouvir: portanto podets livremente propôr á vossa pergunta.

FIEL. — A minha pergunta é esta. Senão vós no vosso coração uma obra tal como fica dito? Mostra-se vossa religião em toda a vossa conducta? ou consiste ella de palavras sómente?

Se quizerdes responder-me, vos peço que não me digais uma palavra senão o que Deus tem por verdade, e que vossa consciencia approva: (2º Corintheos 10.18), porque não é o que a si mesmo se recommenda o que é estimavel, mas é sim aquelle a quem Deus recommenda; e é uma loucura dizer sou isto, ou sou aquillo, quando minha conducta e meus vizinhos provão que é mentira.

Ouvindo este discurso Fallador principiou a corar, mas depois recobrando-se, respondeu: quereis agora tocar nos sentimentos, na consciencia, e em Deus?

Como testemunha do que se diz, não esperava esta qualidde de conversação, nem quero responder a taes perguntas, pois não vos reconheço por meu juiz. Porém dizei-me porque me perguntais?

FIEL. — Porque tenho visto que estais muito prompto a fallar; e porque, a fallar a verdade, tenho ouvido dizer que sois um homem cuja religião consiste em palavras, e que vossa conducta contradiz as palavras que fallais. Diz-se que sois uma mancha entre christãos, que a religião é desacreditada por vossa causa; que vossa conducta já tem desviado muitos, e que outros ainda estão expostos a perigo por vosso exemplo. Diz-se que estais acostumado a unir a religião com a avareza, a impureza, a mentira, a bebedeira e outras cousas semelhantes.

FALLADOR. — Vendo que estais tão prompto a acreditar bantos e julgar dos outros, não posso imaginar outra cousa senão que sois um espirito melancolico e colerico, com o qual é um desgosto fallar, por isso adeus.

Então Christo se approximou do seu companheiro, e disse-lhe:

«Aconteceu como julguei; vossas palavras não davão bem com seus vicios, e antes queria largar vossa companhia, que mudar seus costumes. Quiz ir, e deixemo-lo; quem perde é elle só. Poupei-nos o incommodo de separar-nos d'elle, porque, continuando como é (e julgo que será), ter-nos-hia causado uma má fama, e dos taes o apostolo disse: — separai-vos.

FIEL. — Estou contente, porém, que tivéssemos tido esta pequena conversação com elle: pôde ser que ainda pense no que ouviu: mas em todo o caso, fallei-lhe claramente, e se perder-se, eu estou livre do seu sangue.

CHRISTÃO. — Tendes feito muito bem fallar-lhe assim. É raro hoje usar de tanta franqueza e sinceridade, e por isso a religião se torna tão odiosa aos homens. Estes falladores, cuja religião é de palavras só, e cuja vida é corrupta, quando estão decabidos na communhão dos crentes, escandalisão muito a causa da verdade. Seria bom se todos tratassem a taes pessoas como vós tratastes a este. Nesse caso havião de viver mais conforme as regras do Senhor, ou largar a companhia dos viajantes ao céu.

(Continúa.)

# A VIAGEM DO CHRISTÃO

## PARA A BEMAVENTURANÇA ETERNA

POR UM DOS SEUS COMPANHEIROS.

(Continuado do n. 501.)

### CAPITULO XIX.

*Os Christãos que teem de soffrer as maiores tribulações, são preparados para isso pelas lições do Evangelho.*

O caminho passou depois pelo deserto, e *Christão* e *Fiel* continuárão a viagem fallando do que tinham encontrado no caminho.

Quando tinham já quasi acabado de passar o deserto, *Fiel*, olhando para trás, viu uma pessoa que conhecia, e que os seguia de perto. Olhai, disse elle a *Christão*, quem lá vem? *Christão* olhou, e disse: — E' meu bom amigo *Evangelista*. — E' meu bom amigo tambem, disse *Fiel*, porque foi elle que me mostrou o caminho á porta estreita. — Entretanto *Evangelista* se chegou a elles e os saudou, dizendo: — A paz do Senhor seja convosco, carissimos, e com aquelles que vos ajudam.

*CHRISTÃO*. — Bemvindo, bemvindo, meu caro *Evangelista*, á vista do teu rosto me lembro da tua antiga amisade, e dos cuidados que has tomado para minha salvação eterna.

*FIEL*. — Bemvindo, mil e mil vezes, bendito *Evangelista*; nós, pobres viajantes, temos muita razão para desejar tua preciosa companhia.

— E vós como tendes passado, meus amigos (disse *Evangelista*), desde nosso ultimo ajuntamento? o que encontrastes? e como vos conduzistes?

*Christão* e *Fiel* contárão-lhe tudo que lhes havia acontecido no caminho, e quanto lhes tinha custado chegar até alli.

— Tenho muita alegria, disse então o *Evangelista*, não por haverdes experimentado tantas tentações, mas porque as haveis vencido, e que em despeito de muitas fraquezas haveis perseverado no caminho até ao dia de hoje. Isto me dá muita alegria, tanto por minha como por vossa causa. Eu semeiei e vós colhestes; e o dia virá em que (S. João 6.31.) aquelle que semeia e aquelles que segão juntamente se regozijarão; isto é se vós ficardes firmes; « porque (Galatas 6.9.) a seu tempo segaremos, não desfallecendo. » A corôa vos está proposta, e (Corintheos 9 25) é « incorruptivel. » (Idem v. 24.) « Correi de tal maneira que a alcanceis. » Alguns principião a correr para aquelle premio, e depois de terem corrido muito, outro vem e lh'o

tira: (Apocalypse 3.11.) « Guardai o que tendes para que ninguém tome a vossa corôa. » Vós ainda não estais fóra do alcance dos tiros do demonio: (Hebreos 12.4.) ainda não tendes resistido até derramar o sangue combatendo contra o peccado. » Tende sempre diante de vós, o reino da gloria; acreditai firmemente as cousas que por ora vos são invisiveis: não permittais que cousa alguma deste mundo tome posse de vossas affeições, e sobre tudo vigiai cuidadosamente os vossos proprios corações, porque (Jeremias 17.9) são depravados e grandes enganadores. Sede cheios de coragem e inabalaveis, pois todo o poder no céu e na terra está por vós.

*Christão* agradeceu-lhe a sua exhortação; e disse-lhe que desejavão ouvir ainda mais os conselhos que os ajudassem a passar bem o resto do caminho; e tanto mais, porque sabião que elle era propheta e podia predizer o que devia ainda succeder-lhes, e mostrar como terião de conduzir-se para poderem resistir e vencer todos os inimigos.

*Fiel*, tendo-lhe mostrado o mesmo desejo, *Evangelista* continuou a fallar nestes termos.

Meus filhos, vós ouvistes as palavras verdadeiras do Evangelho, a saber, que (actos 14. 21) por muitas tribulações nos é necessario entrar no reino de Deus, e que (S. João 16. 33) havemos de ter afflicções no mundo; por isso não é de esperar que possais adiantar-vos muito nesta viagem sem experimenta-las de uma maneira ou de outra. Vós já fizeste alguma experiencia da verdade destas palavras, e em breve fareis mais, porque, como vêdes, chegastes agora quasi ao fim deste deserto, e um pouco adiante chegareis a uma cidade, que logo vereis. Lá estareis cercados de inimigos, que se esforçarão furiosamente a vos fazerem morrer. Estai certos que um de vós (senão ambos) ha de sellar com seu sangue o testemunho que dais (Apocalypse 2. 10). Sede porém fieis até a morte, e o rei vos dará a côroa da vida. Aquelle que lá morrer, posto que seja uma morte violenta e cruel, será comtudo mais feliz que seu companheiro, não só porque vai chegar primeiro á cidade celeste, mas tambem porque será isento de muitas desgraças que o outro terá de encontrar no caminho. Logo pois que chegardes á cidade, e provardes a verdade do que vos tenho predito (Corinthios 16. 13), lembrai-vos de vosso amigo; estai firme na fé, portai-vos voronilmente (S. Pedro 4. 19), encommendando vossas almas ao fiel Creador.

(Continua.)

**A VIAGEM DO CRISTÃO**  
**PARA A BEMAVENTURANÇA ETERNA**  
POR UM DOS SEUS COMPANHEIROS.

(Continuado do n. 505.)

CAPITULO XX.

*Os filhos de Deus no meio do mundo.*

Vi em meu sonho que ao sahir do deserto, descobrirão uma cidade, chamada a cidade da Vaidade, onde ha uma grande feira, a feira dura todo o anno, e que se chama a *Feira da Vaidade*, porque a cidade, onde ella se faz, é vaidade, e tudo o que n'hi concorre e se vende, não é senão vaidade; segundo a palavra do sabio. (Eclesiastes 1. 2) « Tudo é vaidade. »

Esta feira não é cousa nova; principiou ha alguns cinco mil annos, e vos contarei sua origem.

Uns viajantes caminhavão para a cidade Celeste (como *Christão e Fiel* fazem agora), quando *Beelzebub*, *Apollião e Legião*, com seus companheiros, vendo que o caminho ao céu passava pelo meio da *cidade da Vaidade*, conseguirão estabelecer n'hi uma feira, onde estivessem a vender todos as sortes de vaidades, e que continuasse o anno inteiro. Lá, pois, se vendem casas, terras, negocios, dignidades, officios, titulos, senhorias, reinos e prazeres. Lá também estão a vender maridos, mulheres, filhos, ames, criados, vidas, sangue, corpos, almas, ouro, prata, perolas, pedras preciosas, e todas as qualidades de vícios.

Lá também pôde se ver, em todo o tempo, jogos de passe-passe, enganos, espectáculos, divertimentos, macaquices, velhacarias e loucuras de toda a sorte.

Ahi também se vendem o mui baratos, perjuros, furtos, adulterios, assassinos e as mais atrozes mortes.

Como em outras feiras de menor importancia ha varias ruas e estradas, que tem cada uma seu proprio nome e suas proprias mercadorias, assim também nesta feira ha logares, ruas e estradas (isto é, paizes e reinos) em que se pôde achar mais facilmente as differentes qualidades

de mercadorias. Ahí está a rua Jogleza, a rua Franccza, a rua Italiana, a rua de Hespanha, a rua de Allemapha, a rua Brasileira e outras.

Ora, como disse, o caminho para a cidade Celeste passa pelo meio da cidade, onde fazem essa grande feira: e aquella que quer ir para a patria Celeste sem passar por esta cidade de Vniude ha de sair do mundo. O mesmo rei dos reis quando estava neste mundo e voltava para seu proprio paiz, passou pelo meio da cidade, e era n'um dia de grande feira: sim, e creio que foi *Beelzebub*; o maior senhor da feira que o convidou a comprar das suas vniudes, o até o terif feito principe da feira se quizesse fazer-lhe reverenceia sómente em quanto passava pela feira. tambem o levou do rua em rua, porque era uma pessoa de altissima dignidade, e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a gloria delles, para alliciar, se lhe fosse possivel, o bendito e desejar e comprar alguma vaidade. Elle porém não tinha a minima vontade para com taes mercadorias, e sahiu da cidade sem ter gastado nellas sequer um só real.

Era preciso que os viajantes passassem a'ra vez da feira, e principião a passar; mas logo se levantou uma grande desordem na feira, e toda a cidade foi perturbada, e isso por varios motivos:

1.º Porque os vestidos dos viajantes erão muito differentes daquelles que os traficantes naquella feira trazião. Por isso olhãrão-os com vistas fixas: alguns disserão que erão loucos, outros que erão manicacos, e alguns que erão estrangeiros.

2.º Porque os viajantes fallavão a linguagem de Chanaan, uma lingua que poucos negociantes na feira podião comprehender, pois estes erão os homens deste mundo e fallavão a linguagem deste mundo só; por isso, desde uma extremidade da feira até á outra, todos os tiverão por barbaros.

3.º Divertia os traficantes muito ver que os viajantes não fozão caso das mercadorias, e nem sequer olhãvao para ellas; e quando alguem gritava-lhes que comprassem, mettêrão os dedos nos ouvidos e disserão: (Psalmo 119. 27.) « Aparta os meus olhos para que não veja a vaidade. » E olhãrão para cima, querendo dizer assim que seus negocios estãvao no céo.

Um que estava vigiando a conducta delles, disse-lhes, mofando: Senhores, que quereis comprar. Respondêrão, olhando-o gravemente. Nós (Proverbios 23. 23) compramos a verdade; o que deu acensão a serem mais maltratados. Uns bradãrão com raiva, uns espiãrão nelles, uns olhãrão sómente com desdém, mas houve quem gritasse que fossem espantados. Emfim, levantou-se um tal tumulto, tal barafunda que tudo estava em desordem e confusão. Deu-se logo parte ao grande senhor da feira, que encheu-se de raiva e despachou immediatamente algumas dos seus confidentes com ordens de examinar os dous homens que causavão tanto motim á feira. Prendêrão-os pois e examinarão-os, perguntando-lhes donde vierão, para onde ião e porque se vestião em tenjas estranhas. Respondêrão que (1.ª Hebreos 11. 13) erão estrangeiros e peregrinos sobre a terra, que ião para sua patria, (Apocalypse 21. 2) a Jerusalem celeste; e que não havião dado motivo nem nos habitantes da cidade, nem aos negociantes para os tratarem tão mal: e interromper-lhes a viagem; senão só que, quando alguem lhes perguntára que querião comprar, elles tinhão respondido: Nós compramos a verdade. Os seus examinadores porém não acreditãrão outra cousa senão que erão loucos ou que vierão de propósito pôr a feira em desordem. Em vista disto agitãrão-os, cobrirão-os de lama, e depois metterão-os na gaiola para servirem de espectaculo a todos. Lá ficarão por algum tempo expostos a todas as sortes de escarnio, de zombaria e violencia; e o grande senhor da feira se divertia com tudo que lhes fizerão. Os homens porém erão pacientes, (S. Pedro 3. 9) não pagando mal por mal, nem maldições por maldições, mas pelo contrario, bem dizendo, e fazendo bem aos que os injuriãvao; e quando algumas homens da feira, que erão menos prevenidos e mais considerados que os outros, queixavão-se dos maus vis e turbulentos por suas crueldades, estes tornãrão-se contra aquelles, e enfurecendo-se disserão-lhes que erão tão más como os homens na gaiola; e que tomando parte com elles havião de ter parte tambem nos seus tormentos. Os outros respondêrão que os homens na gaiola parecião estar sempre quietos e bem criados, que não querião fazer mal a alguem; e que havia muitas pessoas na feira que serião mettidas não só na gaiola, mas tambem na golilla, com mais razão que estes que tratavão tão inhumanamente. Depois de muitas palavras de parte a parte (os viajantes conduzindo-se sempre sabiamente e sobriamente) chegarão a dar pancadas uns nos outros, e alguns ficarão feridos.

Por isso os dous pobres viajantes forão levados outra vez diante dos seus inquisidores, e accusados de haver causado este ultimo motim na feira. Forão espancados desapiadadamente e carregados de ferros: depois arrastãrão-os pelas ruas em cadeias para fazer inspirar medo a todos, e prohibi-los de fallar a favor destes homens ou tomar partido com elles. No entanto *Christão* e *Piel* se conduzirão cada vez mais sabiamente, e recebêrão todos estes más tratamentos com tanta mansidão e paciencia, que alguns (posto que poucos em comparação da gente da feira) se unirão a elles. Isto fez augmentar mais a furia dos inimigos, da sorte que resolverão fazê-los morrer, e declarãrão que vendo que na gaiola nem grilhões os fazia mudar, havião de pagar com a vida pela maldade com que enganãrão os homens da feira.

(Continúa.)



O mundo condena os discípulos de Jesus.

Nessas circunstâncias elles se lembrão das palavras do seu fiel amigo *Gracielista*, e por consequencia achão-se confortados. Consolário se também mutuamente pela certeza de que aquelle que lá soffre a morte seria o qual havia: e não a um, em segredo, desejando essa felicidade, mas se entregão com confiança a mão de aquelle que dispõe de todas as cousas, e ficão tranquilos e contentes na prisão.

Que as mostráram inimigos do estado, e perturbadores do commercio; que já tinham causado motins e divisões na cidade; que tinham formado nbi um partido, que seduzirão a abraçar as suas perigosas opiniões, com desprezo da lei do principe.

Então publicou-se que todos os que tivessem qualquer coisa a depor a favor do seu senhor o rei e contra o réu se apresentassem a dar testemunho. Vieram tres testemunhas, a saber, *Jorge, Superfétido, e Busca-favores*. Perguntou-se-lhes se conhecêrão o preso que estava diante da justiça, e o que tinham a dizer contra elle, e a favor de seu proprio senhor.

JUZ. — Esperai. Desfirmos-lhe o juramento.

July. — Terdes mais alguma coisa a dizer?

Em seguida chamou-se *Superstição*, e o juiz lhe disse que observasse bem a réo; e depois perguntou-lhe o que tinha a dizer a favor d'ella contra o preso. Tendo prestado o juramento, *Superstição* fez seu depoimento assim :

Então chamamos Basca-furores, e depois do prestar juramento, teve ordem de dizer o que sabia em favor da paz, e logo a seguir a sua

Logo que *Busca-farores* acabou de fallar, o juiz se dirigiu ao preso *Fiel*, e lhe disse: vagabundo, heretico, traidor, tens ouvido o que estes senhores honrados temo deposto contra ti?

FIEL. — Posso fallar algumas poucas palavras em minha defesa?

Júlio. — Aterrabilíssimo malvado! Não sou digno de viver mais um momento. Devo ir morrer aqui mesmo a tuas portas, mas, para que todos vejam a minha brandura para com-te, convidei, multo caro, o que ainda tens a dizer.

VEL. — Digo, pois, primeiramente, em respos-  
ta ao depoimento de *Jorge*, que eu não tenho  
dado entrada em causa contra as autoridades,  
todas as leis, todos os costumes e todos os povos  
que se opõem directamente ás palavras de Deus.  
Se opõem também directamente ao christianis-  
mo. Se não creio, não abraço a cruz, o relíqui  
prometto a Deus, e me.

Soluto in theatro a teatralidade da Sopa-  
fina e suas nuances, o texto também se  
propõe a ser uma crítica a qual do o culto agrar-  
ista de Dama, e a ideia que ele mesmo dura o que  
quer que seja para a vida do culto que ele quer,  
havendo de estar conforme as suas palavras;  
que as coisas que os homens introduzem no  
culto não se encaixam em ordem às dos Deuses, não são  
do seu mundo, nem preside para a vida eterna;  
e que em todos os rituais religiosos deve mos  
diferenciar as coisas mortais.

Torreiro — Ao despojamento de *Busca-futuros*, respondendo simplesmente: evitando os termos do despojo e o outro(s) que o princípio desta vida e a vida a vir, há, nos contemporâneos, no mundo por este sentido, há mais ligeros de estar no inferno que neste paraíso: assim o Senhor de Cós tem a competição de todos.



DOUS. — Nunca, nunca em minha vida. O maior mal que tenho feito, que pudesse dar-lhes occasião de me chamarem por este nome, é que sempre tenho tido a boa fortuna de pensar conforme os costumes presentes do mundo; de maneira que minha docilidade me ajudava a ganhar mais que os outros em meus negocios, e evitar desgostos. Quando assim tenho tão boa fortuna, julgo que é pela benção do Senhor, e os perversos não devem carregar-me por isso com desprezo.

CHRISTÃO. — Tenho entendido. Vós sois o mesmo de que tenho ouvido fallar tanto; e, a dizer o que penso, me parece que este nome vos convém mais do que aquelle que pretendeis ter.

DOUS. — Se estais nessa opinião, paciencia; achareis porém que não sou máo camarada, se quizerdes receber-me na vossa companhia.

CHRISTÃO. — Se quereis vir connosco é preciso que marcheis contra o vento e contra a corrente, ■ isto, como dissestes, é contra vosso credo. Se estiverdes connosco, haveis de mostrar-vos amigo da religião, em traje de pobre tanto como em chinelas de prata, em ferros na prisão tanto como quando anda na rua com honras.

DOUS. — Vós não vos deveis constituir senhor da minha consciencia; deixai-me em liberdade, e consenti que eu caminhe connosco, segundo o meu pensar.

CHRISTÃO. — Nem um passo, se não quizerdes fazer como vos tenho dito.

DOUS. — Eu nunca deixarei as minhas regras antigas, pois não fazem mal a outros e fazem conta a mim. Se não posso viajar connosco, farei como fazia quando me alcançastes, andarei só até encontrar alguns que gostem da minha companhia.

(Continua.)



Por tanto, a resposta affirmativa da vossa pergunta, a qual bem vejo que vós haveis abraçado é pagã, pharisaica e diabolica; e vosso salario será conforme ao vosso trabalho.

Então os quatro homens frustados mirárão-se e não tiveram uma unica palavra a replicar; confundidos e calados ficárão atrás, para *Christão* e *Esperançoso* se adiantarem delles. e *Christão* disse a seus companheiros, se estas pessoas não podem justificar-se diante dos homens, o que farão diante do tribunal de Deus? Se ficão caliadas e confundidas pelas palavras de creaturas mortaes, como hão de sentir quando aquelle que é um (Hebreus 12.29) fogo consumidor vier para tomar-lhes contas de tudo?

(Continua.)

**A VIAGEM DO CRISTÃO**  
**PARA A BEMAVENTURANÇA ETERNA**

POR UM DOS SEUS COMPANHEIROS.

(Continuado do n. 509.)

CAPITULO XXIV.

*Pela fome do dinheiro muitas almas se perdem. Prazeres espirituaes dos filhos de Deos.*

*Christão e Esperançoso* forão adiante, e chegarão a uma bella planície, que se chama *Livre-de-Difficuldades*; e lá caminharão muito contentes: mas sendo de pequena extensão, em pouco tempo passarão-a. Do outro lado della se achava um outeiro, chamado *Lucro*, no qual ha uma mina de prata: e alguns que passavão por aquelle caminho n'outro tempo, afastarão-se do caminho para ir ve-la; e chegando-se muito perto á cova, a terra deu de si (porque é muito fallaz) e cahirão, e morrerão miseravelmente: outros, ainda que não perderão lá a vida, forão feridos de maneira que durante todo o resto da vida andarão fracos e coxos.

Ora vi em meu sonho, que um pouco fora do caminho, e perto da boca da mina, estava *Demas*, no traje de um senhor abastado, para chamar os viajantes. O' lá, o lá, gritou a *Christão* e *Esperançoso*, vinde aqui, e vos mostrarei umas cousas lindas.

*CHRISTÃO*. — Que cousa ha tão linda que largassemos este caminho para vel-a?

*DEMAS*. — E' uma mina de prata: ha gente cavando nella: sem muito custo podereis enriquecer-vos.

*ESPERANÇOSO*. — Vamos ver.

*CHRISTÃO*. — Eu não vou. Tenho ouvido fallar deste lugar que tem causado a morte de muitos. Além disso o peso da prata (S. Lucas 12. 15.) atraza muito na viagem.

Então *Christão* gritou a *Demas*. Este lugar não é perigoso? Não tem desviado muitos do caminho celeste?

*DEMAS*. — Nada, senão aos desacautelados. (Mas quando fallava corou de vergonha.)

*CHRISTÃO ao Esperançoso*. — Irmão, não havemos de dar nem um passo para lá. Guardemos nosso caminho.

*ESPERANÇOSO*. — Quando *Dous-intentos* chegar, se fôr convidado como nós, julgo que elle irá.

*CHRISTÃO*. — E' muito provavel, porque seus principios conduzem a esse mesmo fim, e é quazi certo que vai morrer alli.

*DEMAS*. — Ao menos não quereis vir, e ver?

*CHRISTÃO*. — *Demas*! vós sois um inimigo dos caminhos do Senhor: já (2. Timotheo 4. 9) fostes condemnado por um dos juizes reaes, porque vos afastastes do caminho celeste. Porque razão procurais lançar-nos na mesma condemnação? Se nos apartassemos da estrada, Nosso Senhor e rei, havia de saber, e nós ficaríamos envergonhados, em lugar de comparecer-mos diante d'elle com confiança no dia do juizo.

*DEMAS* gritou então, que elle era viajante para o mesmo lugar como elles, e que se esperassem um pouco, andarião juntos.

*CHRISTÃO*. — Qual é vosso nome? não vos chamais vós como, ha pouco, vos nomeiei?

*DEMAS*. — Sim. meu nome é *Demas*. Sou um filho de *Abrahão*.

*CHRISTÃO*. — Bem vos conheço. (4 Reis 5. 20.) *Giezi* foi vosso bisavó, e *Judas* vosso pai, e vós marchais sobre os seus passos. E' feio negocio. Vosso pai foi enforcado como um traidor, e vós mereceis a mesma sorte. Estai seguro de que diremos ao rei como nos fallastes hoje. Então caminharão.

No entanto *Senhor Dous-intentos* e seus companheiros chegarão ao outeiro, e ao menor acceno de *Demas* forão direitos a elles. Se olhavão

da margem ■ cahirão, ou se forão para baixo a cavar e ficarão espedaçados pelas rochas, ou se forão suffocados pelos vapores sulfureos que se elevão alli continuamente. não posso dizer ; mas sei que nunca mais apparecerão no caminho celeste.

Pouco depois de passar o outeiro, os viajantes vierão a um monumento muito antigo, perto do caminho, e que causou a um e a outro muita surpresa, porque parecia-lhes ser uma mulher transformada em columna. Lá pararão e olharão por algum tempo, mas não podião imaginar o que era. Emfim, *Esperançasoso* descobriu na testa uma inscripção em letras muito antigas e gastas ; mas, como elle não tivera grandes estudos, chamou *Christão* para ver se podia decifrá-la. Este gastou algum tempo examinando as letras, e depois achou o sentido, que era « Lembrai-vos da mulher de Lot. » Leu-a a seu companheiro, e concluíram que era a estatua de Sal (Genesis 19,26), em que essa mulher foi transformada, quando olhou para atrás ; e o espectaculo, tao espantoso como inopinado, deu-lhes occasião de se discorrerem da maneira seguinte :

**CHRISTÃO.**— Ah! meu irmão! Este espectaculo vem bem a proposito, depois do convite de *Demas*, para visitarmos a mina. Se tivessamos ido, como elle queria, e como tu, meu irmão, tiveste alguma vontade de fazer, poderíamos estar como esta mulher ; é um exemplo dos juizes divinos para admoestação daquelles que vierem depois de nós.

**ESPERANÇOSO.**— Tenho muito pezar de haver sido tão insensato, e admiro-me que não estou como ella ; por que, que differença ha entre o peccado della e o meu ? Ella olhou para atrás, eu queria ir ver ; seja para sempre louvada a bondade do Senhor, e seja eu sempre profundamente arrependido de ter tido semelhante desejo.

**CHRISTÃO.**— Fique-nos bem impresso n'alma o que acabamos de ver, e nos sirva de exemplo para o futuro. Esta mulher havia escapado de uma terrivel desgraça e cahiu n'outra. Não morreu pelo fogo do céu em *Sadoma*, mas ficou convertida em uma estatua de sal.

**ESPERANÇOSO.**— E' verdade : e ella pôde servir-nos de cautella para evitarmos semelhante peccado ; e de amostra do castigo que nos ha de sobrevir quando não estivermos acautellados. Foi assim tambem que *Cord*, *Dathan* e *Abiron* com duzentos e cincoenta homens incorrerão em seus peccados, para os outros ficarem avisados. Admiro-mo que *Demas* e seus companheiros possão ter o atrevimento de trabalhar alli fóra do caminho, quando tem esta estatua diante dos olhos, e não podem dizer em que hora os juizes do Deus os alcançarão.

**CHRISTÃO.**— E' de admirar ; mas mostra que seus corações estão inteiramente endurecidos. São semelhantes aos ladões que furtão na presença do juiz ou á vista do patibulo. Mas é assim com todos. O senhor nosso juiz está mesmo presente, em todos os logares e todos ■ peccados são commettidos não só com desprezo dos exemplos de castigo, e com ingratidão por milhares de favores, mas tambem diante dos olhos daquelle que virá para julgar o mundo. Quão terrivel ha de ser a destruição daquelles que em taes circumstancias se oppõe ás leis de Deus !

**ESPERANÇOSO.**— Ah meu irmão, que misericórdia é que tu, e muito mais, eu não sirvo de signal, como um navio naufragado fazendo sobre as rochas, para os outros se afastarem do perigo. Certamente nós temos razão de bem dizer a Deus, de teme-lo, e de lembrarmo-nos da mulher de Lot.

Assim caminharão conversando até que chegarão á beira d'um rio muitissimo ameno, que foi chamado antigamente o *Rio Divino*, e depois o (Apocalypse 22 e 1.) *Rio-da-agua-da-vida*. O caminho ia pelas margens d'elle, e os viajantes tiveram lá grandes prazeres : beberão da agua, que era muito agradável, e não sómente os refrescava, mas tambem os fortalecia e reanimava seus espiritos abatidos. Ao lado do rio aclarão toda a sorte de fructiferas arvores, e arvores cujas folhas são proprias para purificar o sangue esquentado na viagem. Em cada lado do rio havia um campo que fica verde todo anno, e contém muitas açucenas, e outras bellas flores. Tudo era risonho e encantador. Lá se deitirão, e dormirão, pois lá podião repousar com toda a segurança ; quando acordarão, comerão do fructo, beberão da agua do rio, passearão, descansarão, e tornarão a dormir. Assim é que passarão os dias, e as noites, em quanto viajavão ao longo daquelle bellissimo rio de verdadeiras delicias.

Não estavam ainda porém no fim da sua viagem, e por isso depois de se demorarem mais alguns dias naquelle paraizo puzerão-se outra vez a caminho.

(Continua.)



# A VIAGEM DO CHRISTÃO PARA A BEMAVENTURANÇA ETERNA

POR UM DOS SEUS COMPANHEIROS.

(Continuado do n. 511.)

## CAPITULO XXV.

*A alma christã que se aparta do caminho de Deus cãe em duvidas, e as duvidas conduzem à desesperação.*

Depois vi em meu sonho que não tinham ido ainda muito longe, quando o caminho principiou a afastar-se do rio, e isto os affligio muito. O caminho lá tornou-se muito aspero e os pés dos viajantes estavam doridos da jornada; por isso se desanimárão e desejavão muito ter melhor caminho. Ora, ao lado esquerdo havia uma campina, e quando se enfastiavão da estrada descobrirão um lugar na cerca onde podião passar facilmente para a relva da campina. Então disse *Christão* a seu companheiro:—Se esta relva continuã na ilharga de nosso caminho, vamos andar nella. Ao mesmo tempo chegando-se á aberta na cerca, vio uma vareda do outro lado, que parecia ir na mesma direcção que a estrada. Ah! gritou elle, eis-aqui justamente o que eu desejava: é agradável andar aqui. Vinde, meu caro *Esperançoso*, caminhemos nesta vareda.

ESPER. — Mas que faremos se a vareda nos levar longe do caminho?

CHRISTÃO. — Isso não é provavel. Vede este atalho, não vai elle ao longo da estrada?

Desta sorte *Esperançoso*, persuadido por seu companheiro, cedeu, e o seguiu pela aberta, na campina que se chama *Desviadora*. Lá não lhes doião os pés; e virão um homem que que andava adiante delles na mesma vereda. Elles o chamárão, e lhe perguntárão onde os conduzia aquelle caminho. Elle respondeu: «A porta do céu.» Seu nome, porém, era *Confiança enganosa*. Muito bem, disse *Christão*, vos vedes que não me enganei, e que andamos direitos. Assim o homem continuou caminhando em frente, e elles o seguirão.

Em quanto lá andava assim principiou a anoitecer, e em breve se fez muito escuro, de maneira que não podião ver aquelle por quem se dirigião. Este, não vendo o caminho, cahiu n'uma cova profunda, que fôra feita lá, de proposito, pelo principe daquellas terras, para apunhar os loucos que, julgando-se sabios, largão os caminhos do Senhor, para seguirem as suas vontades. Foi espedaçado pela quéda.

CHRISTÃO e ESPERANÇOSO — ouvirão ■ ruído que fez na sua quéda ■ lhe gritarão para saber o que tinha; mas não deu resposta: não ouvirão mais que uns gemidos. Então, disse *Esperancoso*, onde estamos agora? Seu companheiro ficou calado, temendo que o tivesse feito desviar; no mesmo instante começou a chover, com trovões e relampagos temiveis, e as aguas no caminho subião depressa.

ESPERANÇOSO — gemendo, disse, oxalá que tivesse seguido o meu caminho!

CHRISTÃO. — Mas quem podia imaginar que este atalho nos extraviasse?

ESPERANÇOSO. — Eu o temia desde o principio, por isso pensei advertir-vos discretamente. É verdade que devia ter fallado mais forte, mas sois mais velho de que eu.

CHRISTÃO. — Meu querido irmão, não vos escandaliseis. Eu vos tenho desviado do caminho e vos tenho levado em grande perigo, e isto me enche de remorsos. Eu vos rogo, meu irmão, me perdoeis; não o fiz com má intenção.

ESPERANÇOSO. — Tomai animo, meu irmão, vos perdôo com todo o meu coração, ■ creio que até isto tudo contribuirá para vosso bem.

CHRISTÃO. — Que felicidade para mim ter encontrado um irmão tão doce e caritativo! Porém não nos demoremos aqui, voltemos já.

ESPERANÇOSO. — Consenti, pois, que eu vá adiante de vós, meu caro irmão.

CHRISTÃO. — Não, se me quereis fazer essa graça. Sou eu que devo ir primeiro; se houver perigo, seja eu o primeiro a corrê-lo, pois por minha culpa estamos fóra do caminho.

ESPERANÇOSO. — Não, porque estais perturbado, e vós podereis ainda enganar-vos na vareda.

Nesse momento ouviu-se uma voz que disse: (Jeremias 31, 21) «Dirige o teu coração ao caminho direito em que andaste; volta.» E reanimarão-se a voltar. Logo se puzeram a caminhar, mas estava tão escuro e as aguas subião tanto, que muitas vezes estiverão em perigo de morrer; e mesmo em toda a noite, por mais diligencias que fizessem, não lhes era possível voltar para a abertura na cerca por onde entráião. Emfim, achando um logar um pouco mais abrigado, se assentarão para esperar o romper da manhã, e como estivessem muito fatigados dormirão; e eu disse comigo no meu sonho, que é mais facil sahir do caminho quando se está nelle do que entrar ahí outra vez quando d'elle se tem afastado.

A alguma distancia do abrigo onde se deitáião, havia um castello que pertencia ao gigante *Desesperança*, e tinha por nome o *Castello de Duvidas*. Os viajantes dormião nas terras do gigante, e este passeando pela madrugada nos campos, apunhou-os ainda carregados de sono, e com uma voz grosseira, gritou-lhes que acordassem, e perguntou o que querião lá em sua fazenda. Disserão que erão viajantes que perderão o caminho. Respondeu o gigante: Entrastes em minhas terras sem licença, e tivestes o atrevimento de vos deitardes dentro das minhas cercas, e agora haveis de caminhar comigo. Forão obrigados a ir, pois elle era muito mais forte do que elles; tambem não tiveram nada a dizer, porque bem sabião que tinham feito mal. Portanto os obrigou a ir adiante, e quando chegáião ao seu castello os lançou n'um calabouço escuro, e fetidissimo que enjuou os corações daquelles dous homens. Ficarão presos nelle desde a manhã da quarta-feira, até ao sábado á tarde, sem sequer uma migalha de pão, sem uma pinga d'agua, sem luz, e não veiu ninguem a perguntar-lhes como se achavão. Longe de parentes e amigos, ■ seu caso era muito triste, e *Christão* tinha dobrada tristeza, pois por sua culpa cahião naquella desgraça.

(Continúa.)

...o piloto não estava, e sua filha, a estudante *Brigitte*, quando chegou ao avião, descobriu-lhe a queda. Ela, com quantos outros viajantes, ficou ali, esperando no caladouro, o piloto, que parecia não se proporia a voltar. Ela perguntou o que era, donde vinha e para onde ia. Ela lhe respondeu: "Estão nos esperando por lá, na rodagem, quando eu voltar. Os espantados sem misericórdia".

... e, quando a menina, por ele levantada, foi pro-  
vavelmente a primeira a dar o primeiro beijo, o crítico desceu  
do pedestal e tornou-se um homem comum. Como as palavras mui-  
tas que ele tinha para dizer, não lhe voltas-  
sem, ele pôs-se a chorar, e, ao depois, lan-  
çou-se a correr, com o coração batendo, até à  
porta de casa, onde se deteve, sem poder  
falar mais uma palavra, e se deixou  
cair no chão, e lá ficou rebolando-se sua nu-  
ca, e batendo a cabeça contra os pedregulhos e  
as pedras da calçada.

[illegible][illegible]

**Formas trágicas.** — É verdade que não se cala por este modo de pensar, e a morte me surtaria sempre... Mas que viver para sempre não é mais justificar-se por quê e a qualquer custo para não proporcionar a quem deus não sabe, a possibilidade maior de sofrer, prior à

[illegible][illegible]

-Pela minha honra e  
 -e se os preceitos  
 -da honra e da  
 -do ardo e da  
 -santa no calabouço, e  
 -tomado meu concílio  
 -na verdade - so no concílio  
 -do ardo e da  
 -do ardo e da

...the demand for a more realistic approach to the study of the human mind. The book is a valuable contribution to the understanding of the human mind and its development. It is a must-read for anyone interested in the field of psychology.

[illegible][illegible]

... e, portanto, a cidade é o lugar onde se dá a formação da identidade, a construção da cultura e a produção da história. A cidade é o espaço onde se dá a formação da identidade, a construção da cultura e a produção da história.

[illegible]

... e, quando u  
 ... au ther

1. The first of these is the *Agrostis*  
 2. *perennis*, which is the most common  
 3. of the grasses, and is found in all  
 4. of the most fertile soils, and is  
 5. the most productive of the three.  
 6. The second is the *Agrostis*  
 7. *perennis*, which is the most common  
 8. of the grasses, and is found in all  
 9. of the most fertile soils, and is  
 10. the most productive of the three.

... a la vez, la familia de los  
... a la vez, la familia de los  
... a la vez, la familia de los  
... a la vez, la familia de los  
... a la vez, la familia de los

...che, come si è visto, non  
ha mai avuto un'idea  
di un'azione politica  
che non fosse  
sottoposta alla  
sua approvazione.

...mais on  
...s'achève  
...s'achève

[illegible]

...seguramente  
...Castilla de  
...irreão,  
...do Si-

... e assim não tem  
-la nunca volta,  
... e assim não tem  
... e assim não tem

1. *Chrysomelidae* (beetles)  
 2. *Curculionidae* (weevils)  
 3. *Chrysomelidae* (beetles)  
 4. *Curculionidae* (weevils)  
 5. *Chrysomelidae* (beetles)  
 6. *Curculionidae* (weevils)  
 7. *Chrysomelidae* (beetles)  
 8. *Curculionidae* (weevils)  
 9. *Chrysomelidae* (beetles)  
 10. *Curculionidae* (weevils)

... e, portanto, a  
... e, portanto, a  
... e, portanto, a

... e de modo a que  
... e de modo a que  
... e de modo a que

 $(C^{(n)}(x))$

CAPÍTULO XXXII.

Depois de voltar ao caminho do Senhor, a alma crente acha novos prazeres, e alcança um conhecimento mais claro das coisas espirituais e eternas.

Depois disto continuarão a sua viagem, e chegarão ás Montanhas deliciosas, que pertencem ao Senhor do Caminho, e já subirão para ver os bellos jardins, as vinhas e as fontes agradáveis; lá beberão das aguas, lavarão-se e comerão livremente do fructo das vinhas. No cume das collinas haverá pastores que guardarão seus rebanhos; os viajantes terão com elles, e, apoiando-se nos seus bordões, como costumão a fazer os viajantes quando estão fatigados e paros no caminho para falar a alguém, perguntarão aos pastores a quem pertenciam essas lindas collinas e as ovelhas que ali pastavam.

Os Pastores. — E' o paiz de Emmanuel, e destas montanhas se pode avistar sua cidade. Estas ovelhas também lhe pertencem, pois elle deu sua propria vida por ellas.

CRISTÃO. — Por aqui é o caminho para sua cidade?

PASTORES. — Sim, está lá nella.

CRISTÃO. — Em que distancia fica Jaqui?

PASTORES. — Tão longe que nem todos podem lá chegar.

CRISTÃO. — O caminho é seguro ou perigoso?

PASTORES. — Elle é seguro para aquelles que perseverarem até ao fim (Hebreos 3, 14); mas ha linha de apartamento para a perdição. (Hebreos 10, 38.)

CRISTÃO. — Achão-se aqui refrescos para os viajantes fracos e cansados no caminho?

PASTORES. — O Senhor destas montanhas nos ordenou que não nos esquecêssemos da hospitalidade: portanto os refrescos que temos estão ás vossas ordens.

Vi também que os pastores sabendo que *Christão e Esperanças* eram viajantes, perguntarão-lhes, donde vincto, como acháreis o caminho, como pudesdes perseverar; porque, acceitáramos elles, do grande numero que se põem a caminho sem saber da que chegam até a estas montanhas. Quando ouvirão as respostas dos viajantes, os pastores ululáram-os com muito amor e desamor: bem vinde, bem vinde ás montanhas deliciosas.

Os nomes dos pastores eram *Subdolo, Peripetico, Vigilante e Sincero*. Elles tomáram os viajantes pela mão, conduzirão-os ás suas tendas e lhes derão de comer aquillo que estava prompto. Convidáramos também a se demorassem ali por algum tempo para que pudessem fazer um convívio mais estroito, e se reatrasassem pelos fructos e arca saudáveis das montanhas. *Christão* e seu companheiro contentáram-se de muito boa vontade, e em breve foram descançar porque já era muito tarde.

Ao tempo da manhã os pastores acordáram os viajantes para os levarem a passear pelas montanhas. Subirão pois juntos e passeirão, tendo de todos os lados uma vista magnifica. Depois um dos pastores disse aos outros, Não será a propósito fazer ver nos nossos viajantes algumas maravilhas? O que sendo approvado por todos leváramos ao cume d'um morro chamado *Erro*, que era muito escarpado, lá tinhamos o abismo de donde se abissem para o fundo. Olháram, e lá virão os cadáveres de algumas pessoas fustas sem pedregras, pois cahirão do cume abismo. Perguntou *Christão* o que queria isto dizer: e os pastores responderão que erão pessoas que não fiáram contentes com as coisas que se podião ver no caminho, e sahindo d'elle vierão testar-lhe até que noitaceu, e cahiram-se a cada cume, cahirão e perderão-se. Formam-se aqui a sua sepultura para servir de exemplo a outros, além do que se afissem de erro o guardem no caminho.

Depois disto os leváram ao cume d'um morro que se chama *Pena-Sangrada*, o livro indicáram um lugar distante dizendo que olhassem para lá. Estando a e parando-lhes que virão algumas pessoas nubladas entre os sepulchros e julgáram que erão devos, porque tropeçáram sobre os tumulos e d'elles não podião equivoar-se. Disse *Christão*, O que é isto?

Respondendo os pastores. Antes de chegar ao pé destas montanhas não vistes uma abertura na terra, na esquerda do caminho que equivoa em uma campina? Disserão que sim. Pois, emittindo os pastores, dali ha um atalho que vai direito ao *Castello de Dardas*, onde mora o gigante *Desesperança* e aquelles homens (mostrando com o dedo os que cahirão entre os sepulchros), erão viajantes como vós e chegaram até ali, lutando, pensando que o caminho era en-tão, puzéramo sahír d'elle para nítiz na campina. Lá foram presos pelo gigante e lançados no calabouço. Depois de us 1-2 feito fazer ali por algum tempo, lhes arrancou os olhos e os meteo entre os sepulchros, onde cahirão a andar vagando. Ouvindo estas palavras *Christão e Esperanças* olháram-se um á outro com as lagrimas nos olhos, mas não disserão nada aos pastores.

Vi pois em mim soubo que forão a outro lugar, d'um valle muito profundo, onde havia uma porta no lado do norte. Os pastores abrirão a porta e olháram-lhes que olhassem para dentro. Olháram e virão que era um lugar muito escuro e cheio de fumaga; e perceberão-lhes que ouvirão um arido a stralor como de uma vebemto eleumta, com gritos e gemidos de pessoas em tormentas: e cheirava a fumaga do castro. Disse *Christão*, Que quer isto dizer?

PASTORES. — E' um alalho para o inferno por onde entrão os hypocritas como *Judas* que vendeu seu Senhor, *Alexander* que blasphemou contra o Evangelho, e *Abanias* e *Safra* que matáram o engrandado.

RECOMENDADO. — Todos as que nomeasestes agora parecío ser viajantes como nós; não foi assim?

PASTORES. — Sim, e por muito tempo.

RECOMENDADO. — Até onde tinham chegado quando se perdéram tão miseravelmente?

PASTORES. — Alguns tinham já passado estas montanhas, outros não tinham chegado até aqui.

Eutão disserão os viajantes, E' necessario para nós, chamarmos aos Poderosos por soccorro e fortaleza.

PASTORES. — Sim, e de usar d'elles quando os tiverdes recebido.

Quando os viajantes querião continuar a sua jornada, os pastores consentirão, e os acompanháram até a extremidade das montanhas. Então disse um d'elles aos seus companheiros, «Mostramos aos viajantes as portas da cidade Celeste.» *Christão e Esperanças* desejáram muito vê-las, e para esse fim subirão no cume de um morro alto, que se chama *Aluminação*; e os pastores arranjáram-lhes o telescópio para verem. Olháram, mas a lembrança da ultima coisa que lhes fôra mostrada pelos pastores, fez-lhes tremer-lhes as mãos, de maneira que não podião ver distinctamente os objectos. Porém perceberão uma coisa que tinha alguma semelhança a um grandíssimo portão, doze sahirão raios de gloria. Então separáram-se e os viajantes cumilibráram cantando com alegria.

Antes de partirem poria, um dos pastores disse que se previassem contra o *Lisongeiro*; o terceiro, que não se deixassem dormir sobre a terra enxada, e o quarto lhes desejou o soccorro de Deus na sua viagem. Então se acordou do seu sonho.

(Continua.)

# A VIAGEM DO CRISTÃO PARA A BEM-VENTURANÇA ETERNA

POR UM DOS SEUS COMPANHEIROS.

(Continuação do n. 336.)

## CAPÍTULO XXVII.

*Retrato de um homem ignorante que se julga a si mesmo sábio. O fim daquelle que se chama Christão, mas os vícios seguem. A alma que tem pouca fé nas palavras do senhor anda mesquinha quando podia estar farta.*

Dormi e sonhei outra vez, e vi os mesmos dons viajantes descendo das montanhas pelo caminho para a cidade. Ora ao pé dos montes, e um pouco á esquerda ha um paiz que se chama *dem-conceituado-de-si*; e ha uma veredinha torta dali que vem dar no caminho em que estavam os viajantes. Alli um mancebo esperto que viera doquelle paiz, e que se chamava *Ignorancia* encontrou-os; e *Christão* perguntou-lhe donde vinha e para onde ia.

*IGNORANCIA*. — Senhor, nasci no paiz que está lá, um pouco á esquerda, e vou para a cidade Celeste.

*CHRISTÃO*. — E como esperais de entrar na porta? Podereis achar lá alguma difficuldade.

*IGNORANCIA*. — Farei como outra gente da bem.

*CHRISTÃO*. — Mas que tendes a mostrar na porta que possa assegurar-vos a entrada?

*IGNORANCIA*. — Eu sei a vontade de meu senhor e nunca fiz mal a ninguém; pago a todos o que lhes devo; não sou ladrão nem ladrão; rezo, jejua, fago esmolas, e estou da viagem por gosto do lugar onde vou.

*CHRISTÃO*. — Mas não entrastes pela porta estreita, que está á entrada do caminho: viestes por esta vereda, e portanto recio que seja que não for a boa opinião que tendes de vós, quando chegar o momento de dardes contas; mui longe de entrardes na cidade, sereis tratado como um ladrão e roubador.

Meus senhores, respondeu *Ignorancia*, eu não vos conheço e sou para vós igualmente desconhecido. Seja-vos bastante, praticardes a religião do vosso paiz como eu sigo a minha. Espero ficar bem, e emquanto á porta estreita de que fallais, todo o mundo bem sabe que é mui longe de nosso paiz: Creio que nem sequer um dos meus compatriotas sabe o caminho para ella; também pouco importa, pois temos esta bella e verda vereda pela qual podemos chegar na estrada.

Quando *Christão* viu que o homem pensava de si que era sábio, disse a *Esperança* em baixa voz. Ha mais esperança de um louco que d'elle. Que faremos? Fallar-lhe-bemos mais, ou deixá-lo por ora? Talvez se ponha a pensar no que acaba de ouvir; depois podemos esperar, e ver se lhe possamos fazer algum bem.

*ESPERANÇA*. — Oxalá que pensasse, pois muitos se perdem eternamente pela falta de consideração. Vamos adiante.

Passarão pois adiante, e *Ignorancia* seguiu. Chegá-lo áhi a pouco a um lugar onde o caminho se tornou muito escuro; lá encontrá-lo um homem amarrado com sete cordões grossos: (os vícios) e deessa maneira sete demônios o levavam para a porta que tinham visto no lado do monte. Vendo isto, *Christão* principiou a tremer também como *Esperança*, mas quando os demônios passavam com o seu preso, *Christão* olhou para ver se o conhecia; e lhe pareceu que era um homem chamado *Vira-costas*, que morou na cidade de *Apóstasia*; não viu bem a cara d'elle porém, porque abaxava a sua cabeça como um ladrão disfarçado. Quando tinham passado, *Esperança* notou que tinha nas costas este letreiro: *Christão* em nome, mas escravo do vício.

Então disse *Christão* a sua companheira, isto me traz á lembrança, uma coisa que se me contou de um bom homem, e que aconteceu por aqui. Elle se chamava *Pouca-fé*, mas morava na villa de *Sinceridade*. Ora no lugar onde principia esta escuridão, ha um becco que se chama *Becco de Morte*, e a travessa da *Porta-larga*: está denominado assim por causa das muitas mortes que se commettam nelle. Ora, succedeu que *Pouca-fé*, fazendo a mesma viagem como nós, assentou-se lá, e adormeceu; e emquanto elle dormia, vieram pelo becco da *Porta-larga* tres homens pessiimos, cujos nomes são *Covardia-fraco*, *Receio* e *Culpa*: os tres são irmãos. Estes, pois, avistando *Pouca-fé*, vieram de carreira, no momento em que o bom homem se levantava para seguir a sua viagem. Levantá-lo sobre elle todos tres ao mesmo tempo, e com muitos amouros obrigá-o a parar. Então *Pouca-fé* se tornou pallido como a morte, e nem podia combater nem fugir. Gritou *Covardia-fraco*: — « Bolsa fora já, » e como elle a não ddesse promptamente, porque não queria perder o seu dinheiro, *Receio* acudiu, e mettendo-lhe a mão na algebeira tirou-lhe um saquinho com dinheiro. Então gritou *Pouca-fé*: — Ladrões, ladrões; mas *Culpa* feriu na cabeça com um bastão com tanta força que o lançou por terra deixando sangue pela bocca, até que parecia moribundo. Os saltadores pararam olhando-o, mas sem remorso, até perceberem que alguém vinha, e temendo não fosse *Grande-graça*, que mora na *Cidade de Boa-Confiança* fugiram e deixá-o lá estendido no chão. Depois de algum tempo, *Pouca-fé* tornando a si, levantou-se e esforçou-se para continuar a sua jornada. Tal foi a historia.

*ESPERANÇA*. — Roubá-lo-lhe tudo quanto tinha?

*CHRISTÃO*. — Não; não achá-lo no lugar em que tinha as suas joias, (a vida eterna); essas ainda conservou. Mas, como me disserão, este bom homem soffreu muito pela perda, pois os saltadores levá-lo-lhe a maior parte do que tinha para gastar no caminho. (Paz, esperança da salvação e alegria no Senhor). Não pilháro as suas joias, e ainda lhe restou alguns moedas fadadas, mas apenas lhe chegavão até ao fim da jornada. Sim, (se não fui mal informado), achou-se obrigado a pedir esmolas para poder subsistir, pois não podia vender as joias; e andou com fome na maior parte do caminho que tinha de passar.

## CAPÍTULO XXIX.

*A alma que aceita o perdão que Deus dá por meio de Jesus, que é a promessa que Deus faz, e espera a salvação que elle promette, deve estar firme, confiante no Senhor, e sempre alegre. Quando perde de vista a perfeição do perdão pelo sangue de Christão e pela fé nelle, e se entrega a receios, não triste, fraco e inutil.*

*ESPERANÇA*. — Não é de admirar que não lhe fizesse o passaporte, que tinha de apresentar na Porta Celeste?

*CHRISTÃO*. — E' mas não foi por cuidado d'elle que escapou das unhas dos ladrões. Quando chegá-lo, elle ficou tão perturbado que não tinha o poder, nem o juizo, de esconder cousas algumas. Foi mais pela boa providencia do Senhor, do que por seus esforços que não derão com elle.

*ESPERANÇA*. — Foi sem duvida uma grande consolação para elle que não pilháro aquella joia.

*CHRISTÃO*. — Certamente podia ter sido para elle um grande consolo, se tivesse sabido aproveitar-se d'elle; mas aquelles que me contáro a historia disserão que pouco uso fez d'elle, em todo o resto do caminho; e que isto foi porque ficou desanimado pela perda do seu dinheiro. Na verdade esqueceu-se daquelle joia, e quando lhe tornou a memoria, e principiava consolarse, então a lembrança da sua perda tornou turbem, e se-lo perder toda a satisfação.

*ESPERANÇA*. — Ah! pobre homem! Era uma tristeza cruel.

*CHRISTÃO*. — Tristeza! Sim. Que sentiríamos nós se estivéssemos tratado, como elle, feridos e roubados em um lugar estranho? Era bastante para fazer morrer de tristeza. Disserão-me que até ao fim da viagem andou gemendo, suspirando, queixando-se a todos no caminho que fora roubado, e como foi, quem tinha sido que lho fizesse, quanto perdeu, e como escapou com vida.

*ESPERANÇA*. — Admiro-ma que naquella necessidade em que se achou não vendesse nem melhorasse alguma joia para ter com que passar na viagem.

*CHRISTÃO*. — Vós fallais, meu irmão, como se tivésseis ainda a casca na cabeça; porque a quem podia vendê-las? Em todo o paiz onde elle foi roubado, suas joias não tinham preço algum, nem carecia dos alívios que os homens do paiz podião dar; e, além disto, se lhe faltassem as joias á porta da cidade Celeste, seria (como elle bem sabia), excluído da herança lá; e para elle, isto era peor do que encontrar um mil saltadores neste mundo.

*ESPERANÇA*. — Vós sois um pouco severo, meu irmão; *Isaac* vendeu o seu direito do primogenitura por um prato de lentilhas: aquella direito foi sua maior joia; e se elle fez isso, porque não podia *Pouca-fé* também fazê-lo.

*CHRISTÃO*. — *Isaac* vendeu seu direito do primogenitura, e muitos seguem seu exemplo e se excluem como elle do gozo dos maiores bens; mas havéis de distinguir entre *Isaac* e *Pouca-fé*. O deus de *Isaac* era sua ventra, mas não foi assim com *Pouca-fé*. Aquillo que *Isaac* carcia era comer para satisfazer seu appetite carnal; a falta que *Pouca-fé* sentia não era de satisficção da sua vontade presente. « Estou para morrer, disse elle, e que bem me poderá fazer este direito do primogenitura. » Mas *Pouca-fé*, ainda que se fé que tinha era pouca, foi livrado por ella de uma tão grande loucura, e por aquella mesma pouca fé, sabia que as suas joias valião tanto que não as queria vender. Nunca se lá que *Isaac* tivesse fé ainda que fosse pouca; e não é de admirar que uma pessoa em que há a carue governa, (como faz naquelles que não tem fé alguma), vendesse seus privilegios, alião e tudo no mesmo demonio do inferno. Um homem tal, conforme as expressões do prophetas, é semelhante a um asno selvagem no deserto, quando se entrega a qualquer vicio há de torná-lo, seja qual for o preço. *Pouca-fé* porém tinha outro genio: elle desejava cousas eternas; não podia fartar-se senão com as palavras de Deus, e cousas espirituaes. Que motivo pois tinha elle de trocar as suas joias por cousas que não gostava? Um homem daria um valioso quer para encher seu ventre do empino! *Isaac* persuadiu uma rã a comer carnes podres como um abutre? Inaquellaquelle aquelle que não tem fé possa vender tudo, e até a si mesmo também, para satisfazer seus paixões, ahi ha um que tem fé, verdadeira fé nas palavras da Biblia, e respeito de Jesus e das cousas eternas, ainda que sua fé seja pouca, não póde; e foi sobre este ponto que erraste, meu irmão.

*ESPERANÇA*. — O confesso; mas vistes as palavras a respeito da « casca na cabeça » não fizeram algum pesar.

*CHRISTÃO*. — Ora, meu irmão, não fazeis mais que comparar-vos a um pinto virado das pernas; que logo ao sahir do ovo morre por aqui e por alli em caminhos desconhecidos com a cabeça ainda na cabeça. Não fazeis caso d'isto: considerai o assumpto, e tudo ficará bem entre nós.

*ESPERANÇA*. — Porém, *Christão*, calou por um dia em meu coração que esses tres saltadores são gente covarde. Se não fosse assim, julgais que terião fugido ao ruido que ouvimos? *Pouca-fé* devia ter tido mais coragem, e não ceder sem dar sequer uma ferida.

*CHRISTÃO*. — Muitos tem dito que são covardes, mas poucos os tem achado tais na hora da luta. Fallais de coragem, mas *Pouca-fé* não tinha nenhuma, o se vos estivesseis a pessoa atacada, parece que talvez teríeis dado uma ferida só, e então cedido; e se vossa coragem é tão fraca quando os saltadores estão longe, o que seria se vos sobreviessem a vós como fizeram a *Pouca-fé*?

Lembrá-vos, enfim, que esses tres saltadores não são mais que cruéis que servem a um do abismo sem fundo, e que quando hão mto, e a mesma vem em pessoa para socorrê-lo; e a voz d'elle é como a voz de um leão. Eu me achei um dia assaltado como *Pouca-fé*, e foi terrível o combate. Estes tres se lançáro sobre mim, e quando, como um verdadeiro christão, principi a resisti-los, gritáro e seu senhor, e esto veio: então não podia ter tido esperança alguma de vida se não fosse revestido da armadura de Deus (Efesios 6. 13). Sim, e em despeito d'isto, custou-me. Ninguém pode dizer o que é combater com esses inimigos senão aquelle que tem o experimentado.

*ESPERANÇA*. — Mas fugíro quando parecia-lhes que *Grande-graça* vinha.

*CHRISTÃO*. — Sim; elles, e seu amo também, tem muitas vezes fugido quando *Grande-graça* aproximava; e não é de admirar, pois elle é o campeão de El-rei. Mas vos havéis de lembrar que ha muita differença entre *Pouca-fé* e o campeão de El-rei. Nem todos os subditos do rei são tão valentes como *Grande-graça*; e nem podem fazer obras heróicas como elle. Alguns são fortes, e outros fracos, alguns tem muita fé, outros tem pouca. Este *Pouca-fé* era um dos fracos; e não se deve procurar a força de um

touro nas pernas de um pardal, nem o poder de um gigante no braço de uma criança.

ESPERANÇOSO.— Eu teria desejado que fosse *Grande-graça* que vinha, e que o tivesse pilhado.

CHRISTAO.— Ainda quando fosse elle mesmo, podia ter-lhe custado bastante : porque posto que *Grande-graça* seja muito habil em manejar as suas armas, e tem feito, e pode fazer muito bem com estes inimigos, em quanto os tem a ponta da espada, quando chegam a entrar nelle, a saber, este *Coração-fraco*, *Reccio*, e *Culpa*, é quasi certo que o farão cahir, e que pode fazer um homem estendido por terra ?

Quem olha de perto na cara de *Grande-graça*, vê golpes e cicatrizes, que bem provão o que digo : « tenho ouvido contar que estando uma vez a lutar com esses inimigos ouviu-se-lhe gritar : « Até da vida desespero. » Que prantos e gemidos, não tem estes mesmos arrancado a *David*, e outros muitos campeões do rei ; e *S. Pedro* querendo experimentar o que elle podia fazer contra elles, (ainda que muitos tenham-o por principe dos apóstolos), tratá-lo tão cruelmente que no fim tinha medo de uma criada (S. Matheus 26 : 69).

Accrescentai que o rei desses ladrões está sempre tão perto que ouve quando dão o menor assobio, e corre para valer-lhes ; e d'elle se pôde dizer ainda o que foi dito ha muitos seculos. Ainda quando uma espada o alcançar não valerá ella contra elle, nem lança, nem couraça, porque elle reputará o ferro como as palhas, e o metal como um pão podre. Não o fará fugir homem frocheiro, as pedras da funda se tornarão em palhas. Todas as peças de artilheria não o podem ferir, anda seguro no meio de batalhas. Que pôde alguém fazer contra um tal ? E' verdade que se tivesse um cavallo semelhante aquelle de que se falla em Job (Capitulo 39, verso 21 até 25), e coragem de monta-lo, talvez fizesse alguma cousa ; pois elle não conhece medo nem a espada ; arrojando espumas, e rinchando, corre a terra, e não faz caso do som da trombeta. Logo que ouve a buzina diz : « Val, cheira de louro a batalha, a exhortação dos capitães e o alarido do exercito. » Por pobres soldados a pé, porém, como nós, é melhor que nunca deseje-mos um tal encontro ; e que não nos glorie-mos quando ouvimos de que outros fallarão, aquelle que se fia no seu valor é o mais fraco na hora de tentação. Vede como aconteceu a *S. Pedro*. Elle se gabava de que faria melhor que todos os outros discipulos, e disse que « ainda quando todos se escandalisassem a respeito de Jesus, elle nunca se escandalisaria », e quem foi mais batido que elle ?

Quando ouvimos fallar de taes salteadores no caminho real, devemos fazer duas cousas ; a primeira é de andarmos sempre armados, e sobretudo termos o escudo, que é uma grande arma no combate com esses homens e com seu rei, tanto que, quando não o temos, o inimigo nada nos teme. Por isso está escripto : « Embraçaí sobretudo o escudo da fé, com que podéis apagar todos os dardos inflammados do mal que maligno. » (Efesios 6, 16)

A segunda cousa é, pedir de el-rei uma guarda, ou antes pedir que elle mesmo nos acotupasse. Foi a presença de nosso rei que fez *David* triumphar no valle da Sombra de morte, e *Moysés* antes queria morrer no logar onde estava do que dar um passo sem seu Deus. (Epoico, 33 : 15.) Ah, meu irmão, se Deus estiver conosco, quem será contra nós ? Não temeremos os milhares de milhares que se levantarem contra nós ; mas sem Elle « soccorro dos mais valentes protectores de nada vale.

Eu já estive no combate, e ainda vivo ; mas é pela bondade do Senhor, e não por minha bravura. Estou muito contente se não tiver mais algum semelhante conflicto, mas temo que ainda não estamos além do perigo. Vendo, porém, que o leão e o urso não nos devorarão, esperamos que Deus nos livrará tambem da mão do Philisteo incircumciso. (1 Reis. 17, 37.)

(Continúa.)

**A VIAGEM DO CRISTÃO  
PARA A BEAVENTURANÇA ETERNA**

POR UM DOS SEUS COMPANHEIROS.

(Continuação do n. 329.)

CAPÍTULO XXX.

*Os Lisongeiros são perigosos á alma christã. —  
Longo aticrimento do athão. — Propensão a  
uma somnolência espiritual.*

Christão e Esperançoso continuáram a sua viagem, e *Lisongeiro* veio seguindo. Andarão até que chegáram a um lugar onde os caminheiros juntou-se áquelle em que estavam, e parecia ser tão direito como elle. Não demorou-se muito, e já devião caminhar paráram a considerar, e enquanto deliberavão veio ter com elles um preto coberto de um vestido leve e branco, e perguntou-lhes porque estavam ali parados. Responderão-lhe que não para a cidade celeste, mas que não sabião bem qual dos caminheiros era que devião tomar. «Segui-me», disse elle, «eu vou lá.» Seguirão-o pois pela vereda que estava ao lado da estrada real, e pouco a pouco não dando voltas até que findão a costa para o lugar donde querião ir. Continuava, porém, a segui-lo. E ali, acháram-se enredados em uma rede de tal sorte que não lhes era possível desembaraçar-se. Nesse momento cubria o vestido branco de cima das espaldas do preto: então perceberão o que lhes tinha acontecido.

Lisongeiro al não tempo chorando, mas sem fazer nem ouvir.

Agora, disse *Christão* ao seu companheiro, «achegou-me o erro. Os pastores não nos acudiram contra o lisongeiro? Hoje experimentamos o sentido das palavras do sábio. «O homem que usa de palavras lisongueiras e fingidas é como uma rede para pôr aquelle que o acredita.» (Provérbios 29, 5.)

ESPERANÇOSO. — Nos derão também direcções ao longo do caminho, mas esquecemo-nos de ellas, e por isso não nos temos conservado do caminho do destruidor. *David* neste respeito é muito mais sábio que nós, pois tomando sentido nas palavras do Senhor elle se guardou dos caminhos de satanaz.

Emquanto deploravão assim as suas culpas, e desceram, distinguirão um senhor alvo e brilhante: cujos olhos erão como uma chama de fogo. (Apocalypse 10, 11.) vinha para elles com um flagello na mão, e logo que chegou perto gritou-lhes donde vierão e o que fazião ali.

Responderão que erão pobres viageiros, que tão a montanha de Zião, e que furão desviados por um homem preto que trazia um vestido branco, e que lhes dissera que o seguissem porque elle também ia lá. Então aquelle que levava o flagello disse-lhes: — *E' Lisongeiro* um falso apóstolo que se transformou em um anjo do luz. (2 Corinthios 11, 13, 14.) Ao mesmo tempo pegou a rede e os puz em liberdade, dizendo:

Segui-me agora, para eu vos pór outra vez no caminho. E os reconduziu á estrada que devião para seguir. *Lisongeiro*

era já ao pé do caminho, perguntou-lhes nondo haviam dormido a noite precedente.

CHRISTÃO E ESPERANÇOSO. — Na casa do paizinho sobre as *Montanhas deliciosas*.

SENHOR BRILHANTE. — Não vos derão direcções ao respeito do caminho?

CHRISTÃO E ESPERANÇOSO. — Sim, senhor.

SENHOR BRILHANTE. — Quando estivesdes em casa não examinastes o escripto que vos deu?

CHRISTÃO E ESPERANÇOSO. — Não, senhor.

SENHOR BRILHANTE. — E porque?

CHRISTÃO. — Esquecemo-nos, senhor.

SENHOR BRILHANTE. — Os pastores não vos disserão tambem que vos guardásseis de *Lisongeiro*?

CHRISTÃO E ESPERANÇOSO. — Sim, senhor, mas não podíamos imaginar que este tão bom viajador fosse elle.

Então veio em seu sonho que lhes ordenou que se pusessem sobre a terra, e quando fizerão assim, os castigou severamente com o flagello, para fazê-los lembrar de ter mais sentido nas palavras que receberão: e em quanto os castigava disse: — Eu aos que amo, reprehendo e castigo. Acmai-vos pois de zelo e arrependei-vos. (Apocalypse 3, 19.) Depois disto disse-lhes que continuassem a sua viagem e cuidassem bem em que ouvirão dos pastores.

Elles agradecerão-lhe toda a verdade que lhes mostrara, e andarão adiante lentamente no caminho direito.

Depois de algum tempo virão ao longe um homem que vinha encontra-los e que andava do vagar e sózinho. Então disse *Christão* ao seu companheiro: Lá está um homem com as costas para a *Cidade Celeste*, e vem encontrar-se com os seus.



HERNANDEZ. — Eu a vejo; somente mudado

de cor, pôde ser visto. *Leopoldo*.  
No entanto elle se appreciava mais o mal, do que as vantagens. Não me era dado, o

Porquillo-lhe responde.

CHRISTÃO. — Faltamos de viagem á Cidade Ce-

leste.

Atílio. — Não pôde ir a bandeira despa-

das, mas contou o seu vir á tina alguma coisa

de torção e contrahção.

CHRISTÃO. — Oh! porque não via deusa ma-

neira?

Atílio. — Eu não de ver pessoas tão simples

como vós, fazendo uma viagem tão estúpida, sem

ganhar nada que a propoza enfade.

CHRISTÃO. — Oh! Joazeiro! Porque? Julga

que não tem dinheiro?

Atílio. — Não tenho! Não há tal coisa como

aquelle que diziam: não há, não se pôde achar

em todo o mundo.

CHRISTÃO. — Mas não me dádes o futuro.

Atílio. — Quando estare em casa, na minha

palma, ou faltar delle e não para Joazeiro: já

há mais de vinte annos que tenho procurando

essa cidade, mas nada della tenho achado.

CHRISTÃO. — Não tenho ouvido e acreditado

que nunca, e que se póde alcançar.

Atílio. — Já cá não se levava acreditando tam-

beim, quando estere em minha casa, não teria

alguém que não me conta della, mas não

achando nenhuma, e não se póde achar em

qualquer parte do mundo. Não vimos das

distancias de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para

cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e de cá

para cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para

cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e de cá

para cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para

cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e de cá

para cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para

cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e de cá

para cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para

cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e de cá

para cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para

cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e de cá

para cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para

cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e de cá

para cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para

cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e de cá

para cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para

cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e de cá

para cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para

cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e de cá

para cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para

cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e de cá

para cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para

cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e de cá

para cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para

cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e de cá

para cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para

cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e de cá

para cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para

cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e de cá

para cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para

cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e de cá

para cá, e de cá para cá, e de cá para cá, e

de cá para cá, e de cá para cá, e de cá para



2. - C 70/08 CONTI, UEDIN BRCSB, IT, 1998 THEO A [17]-

buis a justificação aos merecimentos pessoas de Christo, mas aos vossos.

3.º Esta fé não reconhece Christo como justificador de vossa pessoa, mas de vossas obras : e de vossa pessoa pelas vossas obras.

4.º A verdadeira fé que salva descança sobre as palavras em que Deus nos diz, que Jezus obedeceu toda a lei por nós, e soffreu todo o castigo que a justiça demandava por nossos peccados ; e em que promette que aquelle que crê, terá o proveito do que Jezus fez e soffreu.

Ella aceita Jezus, e sua obra perfeita, como comprimento de tudo quanto a lei tinha contra nós ; e a alma vestida contra esses merecimentos pessoas de Jezus, está apresentada ao Pai pelo Filho, e está recebida na familia do céu, livrada de toda a condemnação. Mas vossa fé, não aceitando os merecimentos perfectos, e pessoas de Jezus, como alicerce da vossa justificação, não vos valerá no dia final ; mas vos deixará debaixo da ira do todo poderoso Deus.

IGNORANCIA.—O que é isso ? Quereis que confiassemos no que Jezus mesmo acabou ha tantos seculos independentemente de nós. Esta doutrina largaria as redeas das paixões, e nos deixaria viver conforme as nossas fantasias : pois que importa como vivamos, se podemos ser justificados de tudo, pelos merecimentos pessoas de Christo, com a unica condição de crer nelle ?

CHRISTÃO.— Vós mostrais bem por esta resposta que sois de facto, como de nome, *Ignorancia*. Ignorais qual é o verdadeiro alicerce de justificação, e a maneira, em que vossa alma possa aproveitar-se d'elle e livrar-se da ira vindoura. Ignorais os effeitos da fé nos merecimentos de Christo, que ella faz prostar-se o coração, e o ganha para Deus, que o faz amar seu nome, seu serviço e seu povo ; e não deixa o homem escravo dos vicios do demonio.

ESPERANÇOSO.— Perguntai-lhe se Christo foi jamais revelado a sua alma, do céu.

IGNORANCIA.— Como ! Sois pois gente de revelações ! Creio que quanto vós e vossos irmãos, tem dito a esse respeito, não é mais que o fructo de miolos virados.

ESPERANÇOSO.— Ah ! senhor ! vós ignorais que Christo é tão escondido em Deus no entendimento do homem natural, que ninguem póde conhece-lo para a salvação, se o Pai Eterno não lh'o revelar ? ( S. Matheus II, 27. )

IGNORANCIA.— Será essa vossa fé, mas não a minha. Eu creio, com tudo, que a minha é tão boa como a vossa ; posto que não tenha na cabeça tantas fantasias como vós.

CHRISTÃO.— Deixai-me dizer uma palavra, não deveis fallar tão levemente sobre este assumpto. E' verdade, como meu bom companheiro tem dito, que ninguem póde conhecer Jesus Christo, a não ser que o Pai o revele. Sim : e a fé pela qual a alma chega-se ao Senhor Jesus verdadeiramente, ha de ser obra do grande poder de Deus. Mas bem vejo que tudo isto ignorais. Acordai-vos, senhor, reconheci vossa miseria, e recorrei humildemente ao Senhor Jesus ; e por seus merecimentos que são os merecimentos de Deus mesmo ( pois Elle é Deus ) sereis livrado da condemnação.

IGNORANCIA.— Vós andais tão depressa que não posso acompanhar-vos : é melhor que passeis a diante : eu hei de ficar um pouco mais atraz.

CHRISTÃO.— Quereis ainda ser insensato e desprezar bons conselhos ? Considerai no que vos ha de succeder. Se não : sois vós que haveis de levar o castigo.

Vinde meu querido *Esperançoso*, havemos de seguir a nossa viagem como dantes.

( *Continúa.* )

---

# A VIAGEM DO CHRISTÃO PARA A BEMAVENTURANÇA ETERNA

POR UM DOS SEUS COMPANHEIROS.

(Continuado do n. 357.)

## CAPITULO XXXIII.

*As marcas do verdadeiro temor de Deus: os motivos porque alguns que parecião ter interesse nas cousas espirituaes e eternas largão-as: a maneira em que tollão aos prazeres e vícios do mundo e se perdem eternamente.*

Vi pois em meu sonho que *Christão* e *Esperancoso* forão caminhando muito apressadamente, e *Ignorancia* de vagar. Então disse *Christão*; Eu deploro muito o estado daquelle pobre cego: quão miseravel ha de achar-se no fim!

ESPERANÇOSO.—Ahi ha muitos taes em nossa cidade: ha familias inteiras, e até ruas inteiras de pessoas que se chamão *Christãos*, e que estão na mesma condição. Quantos não hão de haver no paiz onde *Ignorancia* nasceu!





aquelles que foram chamados á cêa das vodas do Cordeiro. » (Apocalypso, li. 9.) Depois disto alguns dos músicos d'El-Rei lhes vierão também ao encontro, todos vestidos de roupas brancas e brilhantes, e fazendo retinir o cêo com as altas e lindas vozes dos seus instrumentos. Estes saudarão *Christão e Esperançoso*, dizendo-lhes: « Sedê bem vindos, e dez mil vezes bem vindos do mundo, fiéis vencedores. » Então os rodearão por todas as partes: uns marchando adiante, outros aos lados, e outros atrás, como se fossem suas guardas de honra, e sempre a tocar seus bellos instrumentos, e cantar hymnos de alegria e canticos de triumpho. Era lindíssima vista; podia-se imaginar que o cêo mesmo viera recebe-los. Elles assim caminharão; os semblantes risonhos e os gestos em cada lado mostrando quanto era agradável aos habitantes do cêo a sua chegada, e com que alegria os recebiam. No meio de tanta gloria e alegria, parecião estar no cêo já, em quanto não chegarão a porta. Não se pôde contar o que sentirão quando olharão áquella cidade, e ouvirão todos os sinos do cêo soar, a dizer-lhes: Bem vindos; e pensarão que lá elles mesmos havião de ter sua morada, e com essa companhia, por toda a eternidade.

Chegados á porta lêrão a inscripção sobre ella em letras de ouro:

BEAVENTURADOS AQUELLES QUE LAVARÃO AS SUAS VESTIDURAS NO SANGUE DO CORDEIRO, E GUARDÃO OS SEUS PRECITOS, PARA TEREM PARTE NA ARVORE DA VIDA, E PARA ENTRAREM NA CIDADE PELAS PORTAS.

Vi pois em meu sonho, que os mensageiros celestes lhes ordenarão que batessem á porta, fizerão-o, e algumas pessoas olharão por cima da muralha, a saber: Henoch, Moysés, Elias e outros, aos quaes foi dito que estes homens vierão da *cidade de Corrupção*, pelo amor que tiveram ao Rei. Então os viajantes entregarão os passaportes, fôrno immediatamente leva-los ao Rei, e quando Elle os tinha lido, perguntou logo: — Aonde estão estes homens? Responderão que ainda estavam á porta. Immediatamente mandou el-Rei abrir a porta, para que, disse elle, entre a gente justa que observa a verdade (Isaias. 26.2)

Entrarão pois na cidade, e no mesmo instante forão transfigurados e vestidos com roupas que resplandecerão como o ouro. Trouxerão-lhes também harpas e corôas de ouro; todos os sinos da cidade outra vez repicarão alegremente, e lhes foi dito:

ENTRAI NO GOZO DE VOSSO SENHOR. (2)

Ouvi os homens mesmos cantarem então com alta voz, dizendo:

AO QUE ESTÁ ASSENTADO NO THRONO E AO CORDEIRO, BENÇÃO E HONRA—E GLORIA E PODER POR SEculos DE SEculos. (3)

Quando se abrirão as portas para deixar entrar estes homens, olhei para dentro e vi que toda a cidade brilhava como o sol. As ruas erão calçadas de ouro e nellas andavão muitas pessoas que tinham corôas de ouro na cabeça com palmas nas mãos, e harpas de ouro com que entoarem os canticos do cêo. Havia também pessoas com azas que clamiavão sem cessar: « Santo, santo, santo senhor Deus de exercitos cheia está toda a terra da sua gloria. » (Isaias 6. 3.)

As portas forão logo de novo fechadas, e como eu tivesse visto estas cousas, desejei que eu estivesse entre elles.

#### CONCLUSÃO.

*O fim da ignorancia das cousas divinas é a perdição da alma.*

Depois de ter olhado todas estas cousas com attenção, eu virei a cabeça e vi *Ignorancia* a chegar na beira do rio. Elle o passou promptamente, sem encontrar a metade da difficuldade que os outros acharão; porque naquella occasião havia lá um barqueiro que se chama *Esperança-vã*, que ajudou-o a passar em seu batel. Elle também principiou a subir o monte para chegar á porta, mas ia só: não havia quem viesse ajudar ou anima-lo.

Chegado á porta, leu a inscripção em cima e se poz a bater julgando que se lhe abrisse immediatamente. Mas, quando os homens olharão de cima da porta e perguntarão: « De onde vindes e o que quereis? » elle respondeu: « Tenho comido e bebido na presença de El-Rei, e elle ensinou em nossas ruas. » (S. Lucas 13. 26.) Perguntou-se-lhe logo pelo seu passaporte para o mostrar ao Rei: elle todo confuso metten a mão no seio em procura de um, mas nenhum achou..... Disserão-lhe: — Não tendes passaporte? Mas elle ficou calado. Forão dizer ao Rei, que não quiz, nem se quer vê-lo, mas mandou os homens brilhantes que vierão com *Christão e Esperançoso* á cidade, ir ter com *Ignorancia*, ligar-lhe as mãos e os pés, e lançal-o nas trevas. Elles prenderão-o, atarão-o e levárão-o atravez dos ares, á porta que os pastores mostrárão aos viajantes no lado do monte, e o lançárão dentro.

Vi pois que ha um caminho ao inferno até das portas do cêo, também como da *cidade de Corrupção*.

Então acordei e achei que era um sonho.

FIM.